UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PAULA TEDESCO SAMPAIO

Armazéns do café:
tipologia industrial na cidade de Santos

SÃO PAULO
2018

Paula Tedesco Sampaio

Armazéns do café: tipologia industrial na cidade de Santos

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Mugayar Kühl

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Sampaio, Paula Tedesco
Armazéns do Café: tipologia industrial na cidade
de Santos / Paula Tedesco Sampaio; orientadora
Beatriz Mugayar Kuhl. - São Paulo, 2018.
166 p.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de
concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e
do Urbanismo

1. Armazéns de Café. 2. Tipologia Industrial
Santista. 3. Arquitetura do Café. I. Kuhl, Beatriz
Mugayar, orient. II. Título.

Folha de Aprovação

SAMPAIO, Paula Tedesco

Armazéns do café: tipologia industrial na cidade de Santos

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Mugayar Kühl

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Aos meus pais

Agradecimentos

À professora Dra. Beatriz Mugayar Kühl pelas inúmeras e pertinentes orientações no decorrer da pesquisa e na elaboração desta Dissertação.

Às professoras Dras. Maria Lúcia Bressan Pinheiro e Manoela Rossinetti Rufinoni pelas reflexões sobre a pesquisa no Exame de Qualificação.

À equipe técnica dos arquivos consultados, principalmente à Fundação Arquivo e Memória de Santos e ao Museu do Café de Santos.

Aos professores que contribuíram na minha formação, em especial o professor Gino Caldato, que me estimulou ainda na graduação na pesquisa sobre o tema.

Resumo

A presente pesquisa refere-se aos armazéns de estocagem do café na cidade de Santos, construídos no final do século XIX e início do século XX. Esses armazéns tiveram grande importância na economia cafeeira de exportação. Instalados próximos ao porto, eles eram usados para armazenar o café vindo do produtor, enquanto aguardavam o carregamento nos navios. Essa tipologia industrial, presente na região central da cidade santista, está integrada à malha urbana, característica que a torna interessante e, concomitantemente, coloca-a em risco constante. O trabalho teve por objetivo produzir material que registre e analise essa arquitetura industrial santista. A ausência de pesquisa sobre essa tipologia e a dinâmica de desenvolvimento da cidade torna vulnerável a preservação dessa memória edificada. Para tanto, os edifícios remanescentes foram inventariados e estudados através de pesquisa bibliográfica, documental, iconográfica, levantamentos de campo e croquis. O estudo de caso, Armazém Roberto, propiciou a melhor compreensão dessa tipologia e o aprofundamento dos sistemas construtivos e maquinários utilizados à época.

Palavras-chave: armazéns de café, tipologia industrial santista, arquitetura do café.

Abstract

The present research refers to the storage warehouses of coffee in the city of Santos, built in the late nineteenth and early twentieth centuries. These warehouses were of great importance in the coffee export economy. Installed close to the port, they were used to store the coffee from the producer, while awaiting loading on ships. This industrial typology, present in the central region of the city of Santos, is integrated to the urban network, a characteristic that makes it interesting and, at the same time, puts it at constant risk. The objective of the work was to produce material that registers and analyzes this industrial architecture. The absence of research on this typology and the dynamics of the city's development makes the preservation of this built-up memory vulnerable. To that end, the remaining buildings were inventoried and studied through bibliographical, documentary, iconographic, field surveys and sketches. The case study, Roberto Warehouse, provided a better understanding of this typology and the deepening of the construction systems and machinery used at the time.

Key words: coffee warehouses, industrial typology, coffee architecture.

Sumário

Introdução	15
Capítulo 1 – Santos e o Porto do Café.....	19
1.1 - Alguns aspectos histórico, sociais e urbanos.....	22
1.2 - Produção do Café.....	28
Capítulo 2 – Armazéns de Café em Santos.....	35
2.1 - Estudo da tipologia.....	37
2.2 - Inventário.....	53
2.3 - Armazéns de Café como bens culturais: aspectos da legislação.....	113
Capítulo 3 – Estudo de Caso: Armazém Roberto.....	121
3.1 - Armazém Roberto.....	124
3.2 - A Companhia Constructora de Santos.....	142
3.3 – O maquinário de rebeneficiamento de café.....	148
Considerações Finais.....	159
Referências Bibliográficas.....	163

Introdução

A presente dissertação de mestrado refere-se ao estudo dos armazéns de estocagem de café na cidade de Santos, construídos no período de 1867 a 1929. O recorte temporal inicia-se com a implantação da *São Paulo Railway*¹, ferrovia de ligação entre Santos e a área produtora de café no interior do Estado de São Paulo, e encerra-se com a crise econômica² que resultou posteriormente na queima do estoque da produção cafeeira.

Este trabalho não pretende contar a história do café nem a história da cidade de Santos, o que já foi tratado por outros autores, mas sim entender o papel da tipologia dentro desses contextos. Desse modo, a pesquisa tem por tema os armazéns de café na cidade de Santos no recorte cronológico explicitado acima, e tem por objetivo analisar a tipologia arquitetônica desses armazéns, verificando a existência de uma tipologia própria à estocagem do café.

Esses armazéns tiveram grande importância na economia cafeeira de exportação. Instalados próximo ao porto, eles eram usados para armazenar o café vindo do produtor enquanto aguardava o seu carregamento nos navios. Além da estocagem do produto, nesses armazéns acontecia a seleção, classificação, rebeneficiamento, mistura e ensacamento do café para exportá-lo.

Com a implantação da estrada de ferro *São Paulo Railway* o transporte do café do interior para Santos ganhou velocidade, no entanto o porto não apresentava igual capacidade de exportação. Desse modo, aumentou a necessidade de construção de armazéns pela cidade para atender a nova demanda.

Essas edificações foram construídas fora da área do porto. Num primeiro momento, concentraram-se na área do Valongo, próximas à estação ferroviária, e com o passar dos anos acompanharam a expansão da cidade migrando para os bairros Centro e Paquetá.

¹ Sobre a ferrovia *São Paulo Railway* ver SOUKEF, 2010.

² "O padrão de acumulação agrário-exportador iria se encerrar ao final desse decênio, com o crack de 1929 e a Revolução de 1930, iniciando-se uma nova fase da história econômica brasileira". ARGOLLO, 2015, p.195.

O café trouxe progresso e desenvolvimento ao Brasil e à cidade de Santos. Por abrigar o porto escoadouro da produção, o território santista viveu expansão urbana caracterizada por novas tipologias de edifícios ligados ao ciclo econômico cafeeiro³.

A aproximação com o tema ocorreu ainda no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, o primeiro ensaio aconteceu no Trabalho de Conclusão de Curso⁴. O interesse por essa tipologia estendeu-se para o trabalho de conclusão do curso de Especialização⁵. Em ambos os casos a pesquisa sobre os armazéns cafeeiros foi prematuramente interrompida, para a elaboração de projeto de intervenção arquitetônica, obrigatoriedade dos cursos citados.

Nesses trabalhos foram identificados armazéns inseridos na malha urbana do centro de Santos, mas somente na presente pesquisa foi possível aprofundar o estudo e confirmar o vínculo desses edifícios ao ciclo econômico do café.

Esta dissertação organiza-se em três capítulos. No primeiro capítulo "Santos e o porto do café" foram abordadas questões relativas ao aspecto histórico, social e urbano na cidade. A implantação da ferrovia de ligação ao planalto, a construção do porto escoadouro do café e as grandes transformações financiadas pela economia cafeeira até a crise econômica foram retratadas nesse capítulo.

Entender o ciclo de produção do grão foi importante para compreender o papel da cidade e de seus armazéns dentro do sistema cafeeiro. Foram estudadas as Casas Comissárias e os Armazéns Gerais, responsáveis pelo armazenamento e negociação desta riqueza.

Para tanto, estabeleceu-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica, documental e iconográfica, buscando aprofundar a história do café, seus modos de produção e comercialização.

³ Sobre as transformações urbanas em Santos deste período ver ANDRADE, 1975.

⁴ Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos, orientado pelo Professor Gino Caldato. SAMPAIO, 2012.

⁵ Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização de Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico da Universidade Católica de Santos, orientado pelas Professoras Cássia Magaldi e Leila Diegoli. SAMPAIO, 2014.

O segundo capítulo, "Armazéns do Café em Santos", trabalha as questões referentes à tipologia dos Armazéns, abordando a legislação municipal que ditou as diretrizes de sua construção. Abordou-se também questões relativas à legislação de preservação e do entendimento desses armazéns como bens culturais.

Esse capítulo tem como parte integrante o inventário, considerado a parte central deste trabalho; nele, foram inventariados treze edifícios remanescentes e foram abordados aspectos de suas técnicas construtivas e estado de conservação, gerando assim um material que registra e analisa essa arquitetura industrial santista.

A proposta inicial propunha um inventário de quinze armazéns, mas com o desenvolvimento deste trabalho esse número passou a ser treze. Para alguns não foram encontradas informações que confirmassem o uso de estocagem de café, sendo assim, deixaram de fazer parte do inventário. Ao mesmo tempo, outros foram descobertos e incluídos.

No que concerne ao inventário dos edifícios remanescente, foram realizados levantamentos de campo e avaliação do estado de conservação dos edifícios, além de consulta aos acervos municipais. Através da pesquisa em arquivos cartográficos foi possível fazer um mapeamento dos armazéns de café existentes ou já demolidos localizados nos bairros Valongo, Centro e Paquetá na cidade de Santos. Ainda nos arquivos municipais foi consultada a legislação vigente à época de implantação desses edifícios.

O terceiro capítulo tem por objetivo aprofundar o conhecimento da tipologia de armazéns de café por meio do estudo de caso do Armazém Roberto.

Ao considerar a evolução da tipologia em busca de um ideal que viesse atender a todo o processo de rebeneficiamento, partindo do inventário apresentado no capítulo anterior identificou-se um edifício representativo desta evolução.

Com o estudo de caso do Armazém Roberto aprofundou-se a análise da técnica construtiva adotada, a adequação da estrutura para receber o maquinário de

rebeneficiamento do café e a integração desse edifício, localizado fora da área do porto, com o contexto urbano.

Para o estudo de caso as principais fontes primárias foram através de levantamento de campo e em arquivo, o principal deles foi a Fundação Arquivo e Memória de Santos, onde encontrou-se a iconografia e o seu projeto original.

CAPÍTULO 1
Santos e o Porto do Café

1. Santos e o Porto do Café

Este capítulo tem por objetivo abordar questões relativas ao aspecto histórico, social e urbano de Santos com a intenção de contextualizar o surgimento da necessidade da estocagem de café na cidade. O início do recorte temporal é a implantação da ferrovia de ligação ao planalto em 1867, passando pela construção do porto escoadouro da maior riqueza nacional e as grandes transformações financiadas pela economia cafeeira até a crise econômica de 1929.

O cultivo de café, apesar de iniciado no Brasil no ano de 1727⁶, só chegou ao estado de São Paulo no século XIX. Antes passou por alguns estados do nordeste do país e pelo estado do Rio de Janeiro. Das fazendas fluminenses expandiu-se então para o Vale do Paraíba ainda com a utilização de mão de obra escrava africana.

Diversos fatores influenciaram o crescimento da produção de café no Brasil, entre eles podemos citar a abertura dos portos às nações amigas em 1808 e o aumento do consumo da bebida no mercado europeu⁷. Além disso, o declínio da mineração em Minas Gerais fez com que diversas famílias buscassem novas fontes de renda.

Com o passar dos anos, a cultura do café foi levada a região noroeste⁸ do estado de São Paulo em razão do esgotamento da terra no Vale do Paraíba e aproveitou-se a terra roxa, mais fértil e propícia à lavoura de grande extensão, na região de Campinas e Jundiaí, já com mão de obra de imigrantes europeus.

Antes da chegada do café ao estado de São Paulo, o principal produto econômico era o açúcar. O período econômico do ciclo açucareiro fomentou a construção da calçada de Lorena por volta de 1792⁹, ligação entre o litoral e o planalto. A obra facilitou a rota de ligação e propiciou à Vila de Santos relativo

⁶ MARTINS, 2009, p.36.

⁷ Idem, p.57

⁸ Idem, p.77.

⁹ PAUL, 2012, p.09.

progresso e relevância sobre as demais vilas, podendo assim o comércio de mercadorias e produtos sustentar-se até a chegada do café.

Mas a estrutura de transporte que o café encontrou ao chegar no estado de São Paulo era insuficiente. O sistema de transporte terrestre feito por tropeiros e animais não atendia ao grande volume da produção cafeeira. Assim, para ligar as áreas de produção ao porto de escoamento, o café financiou o processo de renovação do meio de transporte, através da construção da ferrovia de ligação com o planalto, inaugurada em 1867. A medida agilizou o escoamento da produção cafeeira do interior de São Paulo até o porto de Santos.

1.1. Alguns aspectos histórico, sociais e urbanos.

O café trouxe muitas transformações ao Brasil e à Santos, que sofreu forte expansão urbana. Abrigando o porto escoadouro da produção, a cidade viveu o surgimento das novas tipologias de edifícios ligadas a esse ciclo econômico.

O porto de Santos, desde os seus primórdios foi o indutor econômico da vila, inicialmente com o recebimento de mercadorias, principalmente o sal e o açúcar, no século XVII e século XVIII respectivamente, para as Vilas de São Vicente e São Paulo de Piratininga.

Já no século XIX, com o avanço da produção do café no estado de São Paulo, Santos torna-se a principal porta de saída dessa mercadoria¹⁰.

*"A riqueza do café foi responsável pelo desenvolvimento de Santos. Em 1839, foi elevada à categoria de cidade [...] A chegada do imigrante, principalmente português, espanhóis e italianos, aumentou a população. Organizou-se o comércio do café com a criação da Associação Comercial e a construção de uma nova alfândega. Ingleses, alemães, norte-americanos e franceses abriram muitas firmas comerciais e, na década de 60, a cidade embelezou-se com os casarões em estilo neoclássico"*¹¹

¹⁰"Em 1850-51, a exportação do café supera a do açúcar pelo porto de Santos". PEREIRA, 1980, p. 84.

¹¹ PAUL, 2012, p.09.

Clotilde Paul cita a década de 60 como um divisor de águas quanto ao aspecto urbano santista e, esta mudança está diretamente relacionada à instalação da estrada de ferro inglesa São Paulo Railway, de ligação com o planalto.

Figura 1 – Plantas esquemáticas da evolução urbana de Santos. Feita pela autora baseado em informações fornecidas pela Fundação Arquivo e Memória de Santos.

A partir da instalação da ferrovia a cidade sofreu diversas transformações. A cidade colonial que até então crescia na direção oeste, começa a se transformar a partir da presença de comerciantes de origem europeia, expandindo-se para o leste, onde se instalou boa parte da elite local já com uma arquitetura eclética.

O crescimento urbano caracterizou-se pela renovação das edificações, com a construção de novas tipologias, pela abandono das soluções coloniais¹² e pela construção de novos espaços. Caracterizou-se também pela transformação dos logradouros públicos, que outrora apresentavam péssimas condições urbanas de infraestrutura. Estes passaram a contar com toda sorte de melhorias, chegando ao requinte de possuir diversas "casas de banho", confeitarias, além de intensa vida cultural, através de cinemas e teatros, como os teatros Guarany e Coliseu.

Dentro das tipologias ligadas diretamente ao ciclo econômico do café podemos citar além da estrutura de transporte sobre trilho, os escritórios dos comissários de café e os bancos.

"As possibilidades de melhorias na qualidade de vida com a introdução de novos costumes e de bens importados, proporcionando maior conforto às edificações em geral, favoreceram a difusão do uso do tijolo, que apareceu como a resposta mais racional e eficaz para a resolução dos problemas urbanos e para o atendimento das novas necessidades arquitetônicas, de ordem técnica e estilística. Todas as cidades brasileiras sofreram em maior

¹² REIS Filho, 2002, p.36.

*ou menor grau a influência da novidade tecnológica, representada pela alvenaria de tijolos, que permitiu homogeneizar ecleticamente a feição de muitas capitais estaduais."*¹³

A cidade santista de pedra e cal foi então sendo substituída por uma cidade de tijolos com novas necessidades ligadas à ideia de progresso. Mas o crescimento repentino trouxe consigo alguns problemas.

Sobre esse desenvolvimento PAUL tece a seguinte consideração:

*"Mas, se o café modificou a fisionomia da cidade, a partir da segunda metade do século XIX, ele também foi o responsável pela proliferação da febre amarela, da varíola, da peste bubônica, do tétano e da tuberculose, epidemias que fizeram de Santos o Porto da Morte."*¹⁴

O surgimento de epidemias diversas em face das condições insalubres por que passava a cidade de Santos levou à formação da comissão sanitária e de saneamento, no ano de 1893¹⁵, objetivando entre diversas medidas a erradicação das doenças.

Como resultado dos trabalhos da comissão de saneamento, liderada pelo engenheiro sanitarista Saturnino de Brito, foi elaborado projeto de saneamento para a cidade. Através dos canais de drenagem formou-se o desenho urbano característico e essencial para o desenvolvimento da zona de orla da cidade de Santos.

A área central, caracterizada antigamente pela forte presença do uso habitacional, foi perdendo essa função para os novos bairros e assumiu uma vocação retro portuária, de serviço e comércio.

O porto apesar de estar se tornando escoadouro da maior riqueza nacional era cenário de insalubridade. Apresentava estrutura incipiente, formada por pontilhões de madeira, para acesso aos navios, pois a região não possuía calado com profundidade suficiente para permitir as suas aproximações. Estes pontilhões eram predominantemente construídos e mantidos por particulares, fazendo parte de uma estrutura que incluía armazéns em madeira para estocagem, também conhecidos como trapiches.

¹³ D'ALAMBERT, 1993, p. 23.

¹⁴ PAUL, 2012, p.10.

¹⁵ GITAHY, 1992, p. 29.

*"Com o aumento de sua movimentação a partir de 1867, produziram-se sérios problemas devidos às condições precárias em que se encontrava o porto. As embarcações de alto-mar ficavam a mais de cem metros dos velhos trapiches, ligadas a eles por simples pontes de madeira onde transitavam escravos e outros trabalhadores do porto, transportando virtualmente nas costas todas as mercadorias inclusive as milhares de sacas de café que por ali eram exportadas todos os anos."*¹⁶

Esta situação descrita por GITAHY tornou-se insustentável exigindo um conjunto de reformas portuárias. Portanto em 1886, visando melhorar a atividade portuária o Ministério da Viação e Obras Públicas publicou um edital convocando os interessados a apresentarem propostas para obras de melhoramento do porto. Após duas tentativas de concessões sem sucesso, em 1888, um grupo de empresários liderados por Cândido Gafrée e Eduardo Guinle venceu a concorrência. Assim, em 1892, surgiu a Companhia Docas de Santos e no mesmo ano acontece a inauguração oficial do Porto de Santos com 260 metros de extensão, eliminando a antiga forma de embarque por meio de pontilhões de madeira. Em 1909 o porto já possuía 4720 metros de extensão¹⁷.

A concessão incluía além das obras de cais e aterros, o estabelecimento de uma linha férrea dupla para serviços de guindastes e vagões de carga e construção de armazéns para guarda de mercadorias. Foi também necessária a construção da

Figura 2 – Pontilhões de madeira no Porto de Santos em 1880. Foto: Marc Ferrez.

Figura 3 – Porto de Santos em 1902 após obras de melhoramento do cais. Foto: Marc Ferrez.

¹⁶ Idem, p.24.

¹⁷ CODESP, 1986, p.15 - 18.

Hidroelétrica de Itatinga, inaugurada em 1910¹⁸, responsável pelo abastecimento de energia do porto de Santos.

A Companhia Docas de Santos possuía o monopólio do porto, com a concessão de exploração dada pelo Ministério da Viação, em troca de obras e serviços no âmbito federal e eram isentos de impostos. A lei que regulava a concessão e exploração de portos também estipulava que a companhia poderia emitir títulos de garantia das mercadorias depositadas em seus armazéns, títulos denominados *Warrants*.

Mas os armazéns da Companhia de Docas, que ocupavam somente a faixa de porto, não atendiam a toda demanda de estocagem do café. Com a implantação da ferrovia, o novo meio de transporte do grão possuía velocidade superior à capacidade de exportação do Porto de Santos, surgindo a necessidade de criar-se mais armazéns para estocagem das sacas enquanto se aguardava o embarque nos navios.

Algumas Casas Comissárias possuíam seus próprios armazéns, mas muitos não tinham capacidade para grande quantidade e nem os maquinários necessários para o processo produtivo do café a ser exportado. Além de estocar o café, os intermediários recebiam os grãos das lavouras e eram responsáveis pelo processo final de rebeneficiamento, seleção e classificação da produção cafeeira, assim como o ensacamento, quase sempre processos feitos com a ajuda de máquinas.

Nesse contexto surgiram as companhias de Armazéns Gerais, a partir de um decreto de 1903, "*tendo por fim a guarda e conservação de mercadorias e a emissão de títulos especiais*"¹⁹. Eram empresas organizadas para exercer o comércio de armazenagem da produção nacional e estrangeira que também podia emitir títulos de garantia das mercadorias, os *Warrants*.

Sobre a instituição de Armazéns Gerais, PEREIRA faz a seguinte observação:

¹⁸ CASTILHO, 2010, p.13

¹⁹ Decreto nº 1.102 de 21 de novembro de 1903, artigo 1º.

*"[...] veio para alterar em parte a estrutura do comércio cafeeiro santista, principalmente porque vinha unida à emissão de warrantes. Inicialmente a finalidade dos Armazéns Gerais era muito simples: mediante uma taxa específica, fazia-se a guarda do café dos fazendeiros que desejassem eliminar o intermediário, o comissário, por várias razões, como, por exemplo, a repulsa às ligas ou queriam esperar melhores preços do mercado."*²⁰

A instituição foi bem recebida pelos fazendeiros e pela Associação Comercial Santista, porém, não agradou aos Comissários²¹.

Os Comissários do café eram responsáveis pela negociação entre o fazendeiro e o exportador, essas são três figuras importantes dentro do comércio cafeeiro. Elas poderiam estar organizadas em empresas como as Casas Comissárias e as Casas Exportadoras sendo complementares umas às outras, ou poderiam estar organizadas em uma única empresa e atender a todas essas demandas.

Figura 4 – Prédio sede da Bolsa do Café em Santos. Foto disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos/fotos157c.jpg>. Acessado em 20 de setembro de 2016 às 18:25.

*"O fazendeiro não pode competir no conhecimento do mecanismo de economia de dinheiro com o comissário de Santos, que possui relações com os bancos nacionais locais, possuindo melhores informações sobre a situação do café e o mercado de dinheiro. O fazendeiro remetia o seu café para venda ou em consignação, ao comissário com estabelecimento geralmente na praça de Santos ou de São Paulo (em menor escala também no interior) que vendia o produto de seus comitentes às casas de exportação ou, algumas vezes, ele mesmo o exportava, quando era também exportador."*²²

Apesar da importante função desempenhada pelo comissário, a instituição Armazéns Gerais causou certo abalo na relação entre comissários e fazendeiros.

²⁰ PEREIRA, 1980, p.106.

²¹ "O termo comissário não é específico do comerciante de café. O Código Comercial Brasileiro (Lei nº556, de 25/06/185), no seu art. 140 diz: Dá-se mandato mercantil, quando um comerciante confia a outrem a gestão de um ou mais negócios mercantis, cobrando o mandatário e obrigando-se em nome do comitente. E mais adiante no art. 165: A comissão mercantil é o contrato do mandato relativo a negócios mercantis, quando, pelo menos, o comissário é comerciante, sem que nesta gestão seja necessário declarar ou mencionar o nome do comitente". Idem, p.81

²² Idem, p. 86.

Em complemento ao sistema econômico cafeeiro, em 1914²³, foi fundada a instituição da Bolsa do Café que tinha como função organizar as operações de compra e venda do café. Apenas em 1922 foi inaugurada a sede desta Instituição na Rua XV de Novembro em edifício eclético²⁴ que traz para Santos a inovação e o uso do concreto armado em sua estrutura, bem como a rica ornamentação da fachada e na parte interna. Construído pela Companhia Construtora de Santos é possível medir a importância da *commodity* na economia do país pela monumentalidade do edifício.

1.2. Produção do Café

Para entender o papel dos armazéns de café em Santos, dentro do sistema de produção do café paulista buscou-se entender todas as etapas desse processo produtivo.

O ciclo de produção do café iniciava-se na fazenda com a plantação, a colheita, o beneficiamento e o ensacamento. A seguir era transportado para o porto de exportação mais próximo, onde acontecia a classificação e comercialização do grão.

Os métodos utilizados na produção cafeeira sofreram alterações desde a introdução de seu cultivo no Brasil. No início uma produção baseada na mão de obra escrava sofreu grandes transformações com a introdução de maquinários e a mão de obra do imigrante europeu. Mas apesar das mudanças no fazer, algumas etapas da cultura são clássicas.²⁵

Iniciando com a plantação, as sementes são postas para germinar até estarem prontas para serem plantadas no campo. Em cerca de três anos acontecia a primeira florada, porém a colheita iniciava-se apenas no quarto ano, entre os

²³ Idem, p.113.

²⁴ Sobre o edifício da Bolsa do Café ver FARIA, 2017; BARBOSA, BARBOSA, ALVES, 2004;

²⁵ Para compreender todo o processo de produção do café, além da bibliografia, foram realizadas visitas à exposição permanente do Museu do Café em Santos e à Fazenda de Café Tozan na região de Campinas.

meses de maio e outubro. Ocorria de forma manual e era a fase que mais exigia mão de obra durante todo o processo.

O trabalho consistia em passar as mãos nos galhos da planta para que os grãos caíssem em um lençol apoiado no chão. A seguir, o café era retirado do lençol e colocado em uma peneira para abaná-lo, ação de jogá-lo no ar para retirar folhas e impurezas, para então ser colocado em um cesto e levado de carroça para iniciar o processo de beneficiamento.

O primeiro estágio do processo de beneficiamento do grão, a lavagem, acontecia em tanques de pedra com o auxílio de trabalhadores e eram retiradas as impurezas restantes oriundas da roça. Depois de lavado, o grão passava pela secagem, onde eram espalhados em terreiros sob o sol e revirados até secar completamente, a operação durava em média de trinta a sessenta dias.

O descascamento é o procedimento que sofreu maior variação ao longo do tempo, o meio mais comum era com o uso do monjolo ou da roda d'água, mas também acontecia através do pisoteamento de uma junta de bois. Posteriormente, foram desenvolvidos maquinários para executar essa função que consistia em retirar as duas cascas presentes no grão, o coco, externa e grossa, e o pergaminho, interna e mais delicada.

Por fim, o grão de café passava por uma última limpeza ainda mais profunda para a maior retirada de impurezas e contava com o auxílio da mão de obra trabalhadora das fazendas junto com o uso de ventiladores.

Finalizado o processo de beneficiamento, os grãos eram ensacados em sacos de 60kg para serem transportados até o porto de exportação, que num primeiro momento era responsabilidade dos tropeiros, que utilizavam força animal, mas modernizou-se com a implantação da primeira ferrovia no estado de São Paulo.

Figura 5 – Recebimento de sacas de café em armazém na cidade de Santos no início do século XX. Foto: Marc Ferrez.

Figura 6 – Armazenamento de sacas de café em armazém na cidade de Santos no início do século XX. Foto: Marc Ferrez.

A cidade de Santos, onde estava instalado o principal porto escoadouro dessa mercadoria era a estação final do café oriundo do interior do estado. Aqui iniciava-se a fase da produção que mais nos interessa, pois ela acontecia na nossa cidade de estudo.

A cada trem que chegava, os sacos com os ricos grãos de café eram descarregados e colocados em carroças para serem transportados até armazéns onde iniciava-se uma nova fase da sua produção.

*"O café era transportado por carroças da ferrovia aos armazéns onde era classificado, misturado e ensacado. Era depois transportado em carroças ao porto, onde os carregadores de café o levavam aos navios, sendo finalmente acondicionado nos porões dos mesmos. Portanto, os trabalhadores dos armazéns, incluindo ensacadores estavam sob o controle das casas exportadoras e eram pagos pela produção. Quanto aos carroceiros e aos trabalhadores que levavam o café às carroças, eram empregados pelas casas exportadoras."*²⁶

²⁶ GITAHY, 1992, p. 112.

Em Santos o "ouro verde", como era conhecido o café, empregava muita mão de obra. Dentre os trabalhos especializados eram presentes as figuras do comissário, do exportador e do classificador.

Os comissários intermediavam as negociações do café entre os fazendeiros e os exportadores, que por sua vez, eram responsáveis por negociar o café com o mercado internacional. Os classificadores, responsáveis pela análise do café, retiravam amostras dos sacos vindos das fazendas e os separavam em latas que representavam cada lote armazenado e eram a ferramenta base para a comercialização, nelas os cafés eram classificados por origem, tipo, peneira, cor e safra.

Após a classificação, os grãos eram reorganizados por tipo independente da fazenda oriunda, em um processo conhecido como viragem, eram agrupados por qualidade e reensacados para então serem levados para os navios.

Nesse processo de viragem, que aconteciam nos armazéns onde o produto era estocado, era necessária a mão de obra dos ensacadores e das costureiras. Nesses armazéns também existiam máquinas que auxiliavam no processo de separação dos grãos em diferentes tamanhos para serem estocados novamente em sacos de 60kg.

*"Ao chegar o café nos armazéns do comissário, retirava-se uma porção de cada uma das sacas, com o 'furador', para formar uma amostra que determinasse claramente as qualidades do café chegado e também para confeccionar os lotes que seriam oferecidos aos exportadores. Era da responsabilidade do comissário preparar lotes homogêneos, o que facilitava a distribuição do produto nos diferentes mercados."*²⁷

Após a classificação, o que possibilitava a obtenção de um produto homogêneo, os grãos deveriam ser torrados separadamente, mas esse processo normalmente ocorria já fora do país.

O comércio do café na praça de Santos exigia ainda mão de obra em massa e não especializada. Essa mão de obra era formada por escravos e ex-escravos que viam o porto como uma fonte de trabalho em abundância. A figura do estivador

²⁷ PEREIRA, 1980, p. 91.

muito presente na história portuária santista era responsável pelo transporte das sacas de café carregando-as nas costas.

Estudar todas as etapas de produção do café é importante para compreender como essa produção agrícola tornou-se um processo industrial com a utilização de maquinários inovadores²⁸.

Figura 7 - Balança automática. Máquina de madeira que distribui nas sacas 60kg de grãos de café. Foto: José Dias Herrera, década de 1960. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Figura 8 - Ensacadores de sacas de café em armazém. Foto: José Dias Herrera, década de 1960. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Os armazéns foram peça chave no sistema de produção do café brasileiro. Neles eram armazenados um dos maiores produtos historicamente exportados. O café foi indutor do crescimento do estado de São Paulo e o grande responsável pelo desenvolvimento do Porto de Santos, hoje o maior da América Latina.

Como vimos acima, a produção do café iniciava-se nas fazendas do interior do estado, e era transportado ao porto de Santos inicialmente por meio terrestre, e depois por ferrovia, sistema implantado para transportar essa produção. Chegava à cidade de Santos onde era beneficiado e estocado nos armazéns, enquanto

²⁸ Sobre maquinário de beneficiamento de café ver ARGOLLO, 2015; MARTINS, 2009; LEME, 1952.

aguardavam para ser exportado para o exterior através dos navios atracados ao porto.

O café impulsionou a implantação da primeira ferrovia do estado a vencer a Serra do Mar até Jundiaí. A São Paulo Railway iniciava-se na Estação do Valongo em Santos, sendo o primeiro edifício filiado ao neoclássico e posteriormente ampliado e reformado com linguagem que remete ao classicismo francês, com presença de mansardas, e a adição de um pórtico de estrutura metálica de origem escocesa.

A parte de negociação ficava a cargo dos comissários do café, que possuíam escritórios na região central santista, sobrados ecléticos até hoje presente na paisagem da Rua XV de Novembro e da Rua do Comércio. Fechava o conjunto a instituição da Bolsa do Café fundada em 1914.

Os armazéns de café que foram parte integrante desse sistema complexo serão tratados a seguir.

Figura 9 – Primeira estação ferroviária de Santos em 1864. Foto: Militão Augusto de Azevedo.

Figura 10 – Estação ferroviária de Santos após a reforma. Fonte: Site Novo Milênio. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos015.htm>. Acessado em 10/01/2018 às 10h.

CAPÍTULO 2
Armazéns do Café em Santos

2. Armazéns de Café em Santos

Este capítulo tem como objetivo aprofundar o estudo da tipologia dos armazéns cafeeiros na cidade de Santos, buscando mitigar a falta de pesquisa aprofundada sobre essas construções. Aborda questões referentes à tipologia dos Armazéns e tem como parte integrante o inventário, considerado a parte central desse trabalho.

Inventariaram-se edifícios remanescentes abordando aspectos de suas técnicas construtivas e estado de conservação, gerando assim um material que registra e analisa essa arquitetura industrial santista.

2.1. Estudo da tipologia

A questão central deste capítulo é o estudo da tipologia dos armazéns de estocagem de café na cidade de Santos.

Esses armazéns tiveram grande importância na economia cafeeira de exportação. Instalados próximo ao porto, eram usados para armazenar o produto vindo das áreas produtivas enquanto aguardavam a sua comercialização.

Nos armazéns, os intermediários faziam a seleção, classificação, rebeneficiamento e ensacamento do café para exportá-lo como detalhado no subcapítulo 1.2.

O recorte temporal de estudo abrange os edifícios construídos no período de 1867, data da implantação da ferrovia, até 1929, com a crise econômica e a queima do café.

Com a implantação da ferrovia, os armazéns da Companhia de Docas, que ocupavam somente a faixa de porto, perderam a capacidade de atender a toda demanda de estocagem do café, em função da velocidade do novo meio de transporte do grão.

Mesmo algumas Casas Comissárias que possuíam seus próprios armazéns, também não tinham capacidade para grande quantidade e nem os maquinários necessários para o processo produtivo do café a ser exportado. Desse modo, surgiu a necessidade de estocar grande parte das sacas do produto em armazéns espalhados pela cidade, fora da área do porto.

Figura 11: Carregadores de café carregando sacas nas costas. Fonte: Lembranças de São Paulo

Figura 12: Embarque de café no ano de 1907. Fonte: Lembranças de São Paulo

Quando se fala em armazém na cidade de Santos é natural que se remeta espontaneamente aos armazéns da Companhia Docas, construídos junto ao porto que ocupam a faixa limítrofe entre cidade e o mar. Muitos desses armazéns de fato serviram de estocagem de café, mas é importante ressaltar que não foram construídos exclusivamente para essa finalidade. São armazéns portuários que tinham como objetivo abrigar qualquer mercadoria em trânsito pelo porto de Santos.

O mesmo equivale para os armazéns que integram o complexo ferroviário da São Paulo Railway. No momento da inauguração da ferrovia, o principal produto transportado era o café; sendo assim seus armazéns podem ter sido usados para o fim de estocar parte da produção cafeeira.

Contudo esses armazéns, da Companhia Docas e da São Paulo Railway, não são objetos de estudo do presente trabalho, que tem a finalidade de analisar os edifícios que foram construídos pelos intermediários do café com o propósito de estocar o produto.

Figura 13: Carregador de café, ao fundo armazém 1 da Companhia Docas. Foto: Marques Pereira.

Figura 14: Armazém da Companhia Docas estocando sacas de café em 1915. Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos074a> Acessado em 10 de junho de 2017 às 8:05.

Para o reconhecimento e identificação dessa tipologia foram buscadas as bases cartográficas da cidade de Santos dentro do recorte temporal.

Junto a Fundação Arquivo e Memória de Santos, foi encontrada a *"Carta da Cidade de Santos – mostrando as casas, divisões de propriedades, as linhas de bondes e os calçamentos"* de 1894. No acervo pessoal do professor Gino Caldatto foi consultada cópia do jogo de plantas cadastrais de 1904, da Comissão de Saneamento.

Esses mapas revelam as projeções das construções existentes na cidade. A partir da tipologia padrão residencial²⁹ da época em questão e da área destoante de certos lotes deduziu-se quais construções eram armazéns. Porém, não há documentação disponível suficiente para afirmar que todos serviam para estocagem de café.

²⁹REIS Filho, 2002, p.29.

Figura 15: Carta de Santos de 1894. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Na publicação São Paulo Moderno de 1919, editorial de divulgação das principais empresas do Estado de São Paulo nesse período, tomou-se conhecimento das principais firmas que atuavam no ramo de comissão e exportação de café, assim como endereços de suas sedes e localização de alguns de seus armazéns de estocagem, conforme tabela abaixo:

Casa Comissária/Companhia	Local de estocagem
Belmiro Ribeiro M. e Silva	Companhia Central
Malta & Cia	01 - Rua Santo Antônio com a Travessa S. Leopoldo e o Beco das Palmeras
	02 - Rua Alexandre Rodrigues esquina com a Rua Visconde do Embaré
Junqueira Guimarães Leitão & Cia	Armazém 4 da Companhia Docas
Leme Ferreira	Rua Ed. Ferreira nº01
Levy & Cia	Travessa Senador Vergueiro
J.D. Martins	Companhia Docas
Nioac & Cia	Rua João Octavio nº05
Leite, Santos & Cia	Rua Armador Bueno nº105
Grace & Co	01 - Rua São Bento nº100-106
	02 - Rua São Bento nº91-97
Cia des magasins généraux et entrepôts libres	01 - Rua Amador Bueno nº72-82
	02 - Rua 11 de junho esquina com Rua São Francisco nº91
	03 - Rua General Câmara nº483-487
	04 - Rua General Câmara nº496-500

Andrade, Junqueira	Armazém 2 da Companhia Docas
Lara & Netto	Armazém 5 da Companhia Docas
Casa Picone	Rua Visconde do Rio Branco nº30
Junqueira, Netto	Armazém 3 da Companhia Docas
Olympio Felix	Rua Visconde de São Leopoldo nº276
F. Conceição	Praça Mauá nº05
Osorio Christiano de Oliveira	01 - Rua Santo Antônio nº145
	02 - Rua São Leopoldo nº203-213
Jessouroun Irmãos	Rua Marquês do Herval nº41-43
Casa Michaelsen Wright	Rua 24 de maio nº06-14
Luiz Leme Ferreira	Rua Marquês do Herval nº18-28
A. do Amaral	Rua Santo Antônio nº103

Tabela de nomes das Casas Comissárias e Companhias com seus respectivos endereços do local de estocagem. Fonte: São Paulo Moderno.

É importante ressaltar que outras publicações³⁰ trazem informações sobre os intermediários de café, mas não apresentam a localização exata dos escritórios e dos locais de estocagem.

A partir dos endereços disponíveis na publicação São Paulo Moderno, foi possível identificar novos armazéns e confirmar o vínculo de outros, já identificados nos mapas de 1894 e 1904, com o ciclo do café.

A expansão das implantações dos armazéns pode ser dividida em dois períodos. Em um primeiro momento, antes da virada do século XIX para o XX, é possível identificar a predominância dessas construções no bairro do Valongo, próximas à estação da estrada de ferro. Em um segundo período, ao longo do século XX, os armazéns foram acompanhando a expansão urbana da cidade instalando-se no bairro Centro e seguindo em direção ao bairro do Paquetá.

A seguir, essa expansão está representada em uma sequência de implantações de armazéns na cidade Santos:

³⁰PEREIRA, 1980 e DELANEY, EULALIO, FELDWICK, WRIGHT, 1913.

Figura 16: Planta esquemática de mapeamento de armazéns em Santos no ano de 1894. Elaborado pela autora baseado em informações da Carta da Cidade de Santos de 1894 sobre base cartográfica atual. Acervo: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Figura 17: Planta esquemática de mapeamento de armazéns em Santos no ano de 1904. Elaborado pela autora baseado em informações das plantas cadastrais de 1904 da Comissão de Saneamento sobre base cartográfica atual. Acervo: Gino Caldato.

Figura 18: Planta esquemática de mapeamento de armazéns em Santos no ano de 1919. Elaborado pela autora baseado em informações da publicação São Paulo Moderno sobre base cartográfica atual.

Após esse mapeamento prévio e visita a campo foi possível identificar edificações remanescentes. Dentre elas foram selecionados 13 armazéns para inventariar seguindo como critérios: a data de implantação dentro do recorte temporal de estudo e a evidência da finalidade de armazenagem de café. A data de implantação foi identificada a partir das bases cartográficas e arquivo municipal. A evidência da finalidade foi confirmada em bibliografia.

Alguns edifícios remanescentes identificados nas bases cartográficas analisadas, que não se confirmaram o vínculo com o café, não foram inventariados nesta pesquisa.

Na bibliografia consultada é comum a menção a duas empresas de armazéns gerais e seu vínculo com a estocagem de café cujos edifícios não constam no inventário: os armazéns da Companhia Bandeirantes de Armazéns Gerais, por se tratar de uma empresa fundada em 1935³¹ fora do recorte temporal deste trabalho, e os armazéns da Companhia Internacional de Armazéns Gerais³², pois os edifícios identificados já foram demolidos.

Figura 19: Fachada de um dos armazéns da Companhia Internacional, não foi possível identificar a sua localização. Fonte: São Paulo Moderno.

Figura 20: Outro armazém da Companhia Internacional, a partir da pesquisa iconográfica foi possível afirmar que esse armazém estava localizado na Rua João Otávio no bairro do Paquetá. Fonte: São Paulo Moderno.

³¹ "[...] a grande época dos armazéns gerais será mais tarde (1936). Dos nomes que irão surgir (cerca de 25), alguns perduram até hoje (Cia Bandeirantes, Aliança, União)." PEREIRA, 1980, p.112.

³² "Em 1920, havia 4 empresas de Armazéns Gerais: além da Paulista e da Central, acrescentam-se, em 1907, a Cia. Internacional e mais tarde, a Cia. Magasins Generaux et Entrepots, Libres d'Anvers." Idem, p.108.

Figura 21: Outra imagem do Armazém da Companhia Internacional sito na rua João Otávio em 1950. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Figura 22: Armazém da Companhia Bandeirantes. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

A partir do mapeamento e do estudo das edificações remanescentes selecionadas foi possível caracterizar a tipologia, reconhecer sua singularidade e entender suas transformações em busca de um espaço qualificado de produção.

Próximo à estação ferroviária no bairro do Valongo, existem exemplares construídos a partir da técnica de pedra e cal integrados ainda à cidade colonial.

Frutos de um primeiro momento de implantação dessa tipologia, são edifícios de arquitetura simples, pouco detalhada, sem a presença de platibanda. Constam nas bases cartográficas desde 1894 e são associados às empresas comissárias de café na publicação São Paulo Moderno; não é possível, porém, afirmar se foram construídos para essa finalidade ou se são heranças do ciclo econômico do açúcar.

Aos poucos com advento de novas técnicas construtivas, a alvenaria autoportante de tijolos torna-se cada vez mais presente. Essa mudança tecnológica é abordada por Carlos Lemos ao estudar a moradia urbana na cidade de São Paulo.

*"A nova sociedade paulistana nascida com o café, enquanto foi definindo um 'saber fazer' próprio, que estava a exigir elementos de construção ainda não disponíveis no meio ambiente, foi então provocando, consequentemente o surgimento de mais aperfeiçoados meios de produção de materiais básicos, que atendessem à solicitação crescente própria de uma cidade em rápida expansão."*³³

³³ LEMOS, 1985, p.36.

A utilização do tijolo³⁴, num primeiro momento, passou despercebida já que os edifícios eram revestidos com argamassa de cal. O partido arquitetônico adotado resultava da linguagem arquitetônica mais valorizada naquele momento e da legislação municipal; assim os armazéns eram, em sua maioria, ecléticos, linguagem predominante no ambiente urbano à época.

Com o passar dos anos, os edifícios foram tomando feição industrial e ganharam destaque na urbe. Os tijolos aparentes substituíram as alvenarias revestidas de argamassa e tornaram-se característica comum aos armazéns de café.

Internamente, em face da necessidade de grandes vãos para estocagem, a solução mais frequente era a utilização de pilares metálicos. O uso de estrutura mista tornou-se cada vez mais comum; a alvenaria autoportante de tijolos combinada com a estrutura metálica pré-moldada otimizava tempo e espaço construtivo, aliando qualidade arquitetônica.

"A utilização mais comum dos metais ferrosos em construções no Brasil deu-se em edifícios 'mistos', geralmente com os suportes metálicos, vedação de alvenaria e cobertura com estrutura metálica, ou com paredes portantes de alvenaria e cobertura metálica. Foi o caso do grande número de galpões e armazéns que surgiram desde meados do século passado, muitos deles para uso industrial."³⁵

Nos armazéns inventariados nota-se a predominância dos gabaritos térreos; acredita-se que tal característica seja resultante da dificuldade de resolver uma estrutura capaz de suportar o peso da carga a ser armazenada em outros pavimentos, além da influência da legislação municipal.

Grande parte dos edifícios sedes das Casas Comissárias organizava-se em dois pavimentos. No térreo, área menos nobre, armazém para estocagem do produto a ser negociado e no pavimento superior, o escritório da firma.

³⁴"Mas foi o café que popularizou o tijolo, a começar pelas obras diretamente ligadas ao beneficiamento daquele produto agrícola. Somente o tijolo permitiria a fácil construção de aquedutos, de muros de arrimo e o calçamento dos grandes terreiros de secagem dos grãos, que, no começo, eram de terra batida, solução má porque, quando em nível, formavam poças de água e lama, quando inclinados provocavam erosão". Idem, p.40.

³⁵ KÜHL, 1998, p.85.

Abre-se assim um novo leque de edifícios sem feição industrial a serem estudados. Como forma de registrar neste trabalho essa tipologia e seu aspecto mais erudito foi escolhido apenas um edifício seguindo esse modelo para compor o inventário.

Com relação aos edifícios industriais observa-se que, nas fachadas, o ritmo é dado pelas aberturas constituídas de verga com acabamento em arco e ombreiras. As esquadrias compostas por madeira com gradis de ferro fundido usados para proteção das portas e bandeiras, possibilitando a ventilação e iluminação natural.

No acabamento do telhado das construções, pela exigência do código municipal de que os proprietários conduzissem as águas pluviais até a sarjeta, as soluções eram distintas a cada edifício. Algumas soluções eram as platibandas simples ou ornamentadas e em outros casos, a solução adotada era o frontão na forma triangular.

Os armazéns tentavam superar-se em capacidade de estocagem e produção, assim, eram implantados em lotes cada vez maiores. A necessidade de ventilar e iluminar as extensas áreas de estocagem impunha a presença de lanternins para a solução do telhado.

A evolução do modo de rebeneficiamento do grão, passando do maquinário portátil para o maquinário integrado à estrutura do edifício trouxe aos armazéns de café a característica de um volume central destacado do edifício no qual se posicionavam essas grandes máquinas e marcavam o *skyline* da cidade.

*"As máquinas de beneficiamento industrializada, movimentadas por motores mais eficientes, tornaram-se mais fáceis de ser manipuladas e, ao terem sua forma modificada, passaram a ocupar o espaço de maneira cada vez mais especial, o que demandava adaptações na arquitetura das instalações destinadas a abrigá-las."*³⁶

Com o intuito de verificar quais as diretrizes para a construção de armazéns em áreas portuárias foram buscadas referências na literatura técnica especializada, em especial o Tratado de Arquitetura elaborado por Louis Cloquet no ano de 1900. Da leitura dessa obra pode-se constatar uma descrição detalhada para construção de portos e entrepostos. No que diz respeito a armazéns, o autor apresenta

³⁶ ARGOLLO, 2015, p.110.

exemplos de edifício de vários pavimentos, sendo bastante distante da realidade do porto santista³⁷.

Com a finalidade de conhecer diretrizes para construção civil determinantes para a tipologia arquitetônica e suas aplicações nos armazéns de café inventariados, foram consultados os Códigos de Posturas Municipais elaborados no século XIX.

Foram analisados os Códigos de Posturas dos anos de 1870, 1883 e 1897. Existiram códigos anteriores (1847 e 1857), porém, optou-se pelo estudo dos elaborados dentro do recorte temporal do trabalho, período de 1867 a 1929.

Com a implantação do transporte ferroviário, de ligação com o planalto, a cidade passou por transformações significativas que influenciaram a elaboração de um novo código em 1870, em substituição ao anterior de 1857, já obsoleto.

*"O Código que se compilou e foi aprovado no ano de 1870 emanava estas mudanças. Desde disposições aparentemente simples como a obrigação de todos os prédios possuírem canaletas para águas pluviais ou conservarem sua numeração legível, até Posturas que mostravam que o ritmo da cidade realmente estava diferente de dez anos atrás: todas as ruas teriam 'mãos pintadas' que indicariam quais os carros poderão subir ou descer. O transito de carroças no centro urbano se mostra assim, bem mais intenso."*³⁸

Examinando os códigos a partir de 1870, observa-se uma crescente preocupação com a organização e a qualidade das construções e do espaço urbano. No código de 1870, já existe a preocupação quanto à instalação de indústrias na cidade³⁹ mas o conceito de "*perímetro da cidade*" e o conflito de usos aparecem posteriormente, no ano de 1883.

"Art. 31. No perímetro da cidade é prohibido montarem-se estabelecimentos ou fabricas de sabão, oleos, vellas de cebo, distillação [sic], cortumes, depósitos de sal e outros que pelas matérias primas e os seus productos e combustível empregado, ou por outro motivo, exhalem vapores que tornem nociva a atmosphaera, a pureza das aguas potáveis, ou incommodem a

³⁷ Da leitura do Tratado é possível ressaltar apenas a indicação de uma arquitetura sólida e simples capaz de suportar grandes cargas. "110. Construção de Edifício – O estilo de um entreposto é necessariamente impresso de uma enorme sobriedade, e de característica simples e potente. Os prédios têm frequentemente até 30 a 40 metros de profundidade. Eles formam geralmente blocos retangulares isolados, de aspecto simples e sólido. Os muros devem ser bastante espessos para conter a humidade; de resto, as grandes cargas em jogo geralmente levam a espessuras consideráveis. É verdade que nos grandes armazéns, as paredes não conseguem mais suportar as cargas das mercadorias". CLOQUET, 1900, p.163, (tradução da autora).

³⁸ DIAS, 2010, p. 79.

³⁹ "Art. 125. Os estabelecimentos de cortumes, fabrica de destilação, azeite, sabão, sebo, óleo, fogos de artifício ou qualquer outra natureza, cujos vapores possam prejudicar a salubridade da athmosphera, ou sua conversação dentro da povoação seja perigosa, sómente serão consentidos na distância e lugares marcados pela Câmara". Código de Posturas, 1870 in DIAS, 2010, p. 96.

*visinhança. O infractor incorrerá na multa de trinta mil réis, que se repetirá, sempre que concedido novo praso não tiver feito a remoção."*⁴⁰

No entanto, havia a possibilidade de se instalar algumas fábricas e estabelecimentos, nos quais podemos considerar que se incluíam os armazéns cafeeiros; eram passíveis de serem instalados no centro da cidade, desde que seguindo algumas exigências.

"§3º. No centro da cidade são permitidas aquellas fabricas e estabelecimentos não comprehendidos nos artigos antecedentes, uma vez que seus aparelhos, fornos, caldeiras e quaesquer outros que laborem com fogo estejam em lugares espaçosos e fóra da contiguidade de outros predios. O infractor soffrerá na multa de 30\$ e será obrigado a cumprir as determinações contidas neste paragrapho.

*§4º. As fabricas e officinas cujo estabelecimento for permittido dentro da cidade, terão os tubos das chaminés á prumo e com altura superior ao mais alto andar das casas que lhe ficarem próximas de modo que o forno não incommode os visinhos. O infractor incorrerá na multa de 20\$, que se repetirá sempre que concedido provas, não tenha satisfeito esta disposição."*⁴¹

Cabe salientar que na tipologia de armazéns para estocagem de café não foram encontrados exemplares, entre os inventariados, com presença de forno e chaminé.

Segundo a legislação municipal a Câmara ficava responsável pela fiscalização das construções no município⁴² e não poderia *"oppor-se à fôrma ou architectura do edifício, bem como à qualidade do material empregado"*⁴³. Contudo, o Plano de Edificação, que integra o Código de Posturas do mesmo ano, em seu artigo segundo, estabelece que *"todas as edificações, seja qual fôr o seu destino e espécie, deverão ser feitas com as necessárias condições de segurança, symetria e elegância"*⁴⁴.

Além disso, exigia-se que todas as edificações tivessem solução no acabamento do telhado para drenar as águas pluviais até a sarjeta nas fachadas

⁴⁰ Código de Posturas, 1883 in DIAS, 2010, p.104.

⁴¹ Idem, p.104.

⁴² "Art. 1. A camara fiscalizará toda a obra ou construcção que se fizer na área do município". Idem, p.102.

⁴³ Idem, p.102.

⁴⁴ Idem, p.113.

voltadas para as ruas⁴⁵ e definia dimensões para as aberturas⁴⁶, platibanda⁴⁷, soleiras⁴⁸ e espessuras de paredes⁴⁹. Tais medidas refletiam um ambiente urbano homogêneo com pouca variação estética nas construções.

Essas exigências se mantiveram nas versões posteriores dos Códigos de Posturas durante o século XIX. Porém, esses códigos continuaram sofrendo revisões para atender às novas demandas, decorrentes das transformações por que a cidade passava. Novos programas de necessidades, tais como teatros, padarias, açougues, entre outros, fizeram com que os códigos inicialmente mais genéricos, passassem a detalhar demandas específicas para as construções que abrigavam cada uma dessas atividades.

Outra mudança percebida é relacionada ao revestimento de muros. No código de 1883 havia a exigência de argamassar as alvenarias de pedra e cal⁵⁰. Já no ano de 1897 não consta essa exigência, o que pode ser um indicativo da substituição definitiva da antiga técnica de pedra e cal por alvenaria de tijolo. Inclusive o mesmo código apresenta artigos que detalham as espessuras de paredes indicando como unidade de medida o tijolo.

⁴⁵ Em função das questões ligadas a higiene, o artigo 88 do Código de 1883 exige que *"os proprietários dos prédios que se construírem ou reconstruírem n'esta cidade são obrigados a fazer receber dos telhados as aguas pluvias e conduzi-las por meio de canos, a sarjetas"*. Idem, p.108.

⁴⁶ "Art. 62. As portadas e vergas tanto das janellas como das portas terão no minimo dezoito centímetros (0m,18) de largura ou 1/7 da abertura nas faces externas, e os claros entre umas e outras deverão ser proporcionaes à largura das frentes e symetricas entre si, não sendo inferior em largura à metade do vão das aberturas. [...] Art. 64. Todos os jogos completos de portadas à frente dos arruamentos serão sempre do mesmo material, devendo este ser, de preferencia, de cantaria ou material incombustivel". Código de Posturas, 1897 in DIAS, 2010, p.174.

⁴⁷ "Art. 69. As platibandas ou muros de attico das casas terão noventa centímetros (0m,90) de altura e poderão ser lisas ou com molduras, de crivo ou de grade de ferro". Idem, p.176.

⁴⁸ "Art. 44. Todas as soleiras terão a sua face superior vinte e dous centímetros (0m,22) mais alta que o nivel do passeio e serão sempre de cantaria ou material analogo". Idem, p.162.

⁴⁹ "Art. 70. Nos predios de um só pavimento a espessura das paredes exteriores não será de menos de vinte e sete centímetros (0m,27). Si a largura do predio fôr de mais de seis metros (6m) a espessura das paredes exteriores não poderá ser de menos de quarenta e cinco centímetros (0m,45). Tendo o predio maiores dimensões as paredes terão a espessura precisa para sua solidez de accôrdo com a altura e largura do predio e a distancia entre as paredes". Idem, p.176.

⁵⁰ "Art. 18. Os muros serão de alvenaria de tijollo ou pedra, ou de cantaria ou pedra artificial, devendo os de alvenaria de pedra e cal ser rebocados e caiados, e os de alvenaria de tijollos com as juntas tomadas a cal branca, quando não sejam rebocados e caiados como aquellas". Código de Posturas, 1883 in DIAS, 2010, p.114.

As especificações direcionadas para armazéns aparecem apenas no Código de Posturas de 1897 em artigos que referenciam o acabamento do piso interno⁵¹, a altura da fachada⁵² e as dimensões das portas⁵³.

Alguns armazéns possuíam maquinário de rebeneficiamento de café integrados à estrutura do edifício e essas máquinas demandavam um pé direito de grandes dimensões. Muito provavelmente para atender às exigências do Código de Posturas de 1897, nas tipologias inventariadas, o trecho que abrigava o maquinário era sempre recuado em relação ao alinhamento da fachada, uma vez que no alinhamento havia limite para a altura das construções⁵⁴.

A partir do século XX, com a proclamação da república e surgimento de outros instrumentos jurídicos na esfera federal, que se sobrepuseram aos Códigos de Posturas Municipais, outros instrumentos legais foram criados também na esfera municipal, retirando importância ao Código de Posturas que foi substituído por uma nova versão apenas em 1968⁵⁵.

⁵¹ "Art. 47. Os predios destinados a armazens ou estabelecimentos commerciaes ou industriaes, deverão ter o primeiro pavimento revestido de asphalto ou cimento.

§Unico. Quando, para taes estabelecimentos, ao asphalto ou cimento fôr preferido o soalho poderá este ficar a cincoenta centimetros (0m,50) acima do nivel do passeio, cumprindo revestir o sólo de uma camada isolante de concreto ou asphalto de déz centimetros (0m,10) de espessura ou empedramento de trinta centimetros (0m,30) assente com argamassa de cimento, e o soalho será disposto de fôrma a deixar um espaço livre por baixo do vigamento, communicando com o exterior por meio de tijollos perfurados ou por meio de pequenas aberturas nos muros oppostos, afim de permittir completa ventilação." Código de Posturas, 1897 in DIAS, 2010, p.162.

⁵² "Art. 54. As frentes dos armazens e predios de equal natureza terão cinco metros e cincoenta e dous centimetros (5m,52) de altura contados do nivel do passeio à face superior das frechaes". Idem, p.168.

⁵³ "Art. 56. As portas terão as dimensões seguintes: [...] 4) Nos armazens e casas de negocios, sendo a largura de um metro e trinta centimetros a tres metros (1 m,30 a 3 m) a altura será de quatro metros e trinta a quatro metros e cincoenta centimetros (4m ,30 a 4m ,50)". Idem, p.170.

⁵⁴ Art. 54, Código de Posturas, 1897 in DIAS, 2010, p.168.

⁵⁵ "Este código tem como finalidade instituir as normas disciplinadoras da higiene pública, do bem-estar público, das instalações elétricas e mecânicas, da localização e do funcionamento de estabelecimentos comerciais, industriais e prestadores de serviços, bem como as correspondentes relações jurídicas entre o Poder Público Municipal e os munícipes". Lei municipal 3.531, de 16 de abril de 1968.

2.2. Inventário

Este subcapítulo apresenta as fichas de inventário referentes aos 13 armazéns identificados dentro do recorte temporal e temático conforme explicado no subcapítulo 2.1.

As fichas estão organizadas seguindo a lógica de implantação geográfica desses edifícios, começando pela região oeste, bairro do Valongo, e seguindo em direção a leste, bairro do Paquetá. Esta sequência foi escolhida por mais se aproximar da ordem cronológica de implantação desses armazéns. Foram identificados três edifícios no bairro do Valongo, cinco no bairro do Centro e cinco no bairro do Paquetá.

As pesquisas não revelaram a data de construção de todos os armazéns de forma precisa; assim aqueles dos quais não se obteve o ano de construção, foram datados conforme sua presença nas bases cartográficas apresentadas no subcapítulo 2.1.

Além de informar o **bairro**, o **endereço** e a **data**, as fichas trazem dados sobre os **proprietários identificados** vinculados ao período econômico do café, o **uso atual** do imóvel e o **nível de proteção**⁵⁶ pelos quais estão tutelados na lei municipal.

No corpo da ficha é justificado o vínculo do armazém à estocagem de café, apresentando-se as fontes. Foram descritas as características construtivas e estado atual de conservação. Completam essas fichas materiais gráficos, fotos e desenhos localizados em publicações, arquivos e periódicos para caracterização da tipologia.

A seguir são apresentados implantação e tabela dos armazéns inventariados conforme numeração das fichas.

⁵⁶ Assunto tratado no subcapítulo 2.3 do presente trabalho.

Figura 23 – Mapa de localização dos armazéns que compõe o inventário. Elaborado pela autora.

FICHA	FOTO	PROPRIETÁRIO IDENTIFICADO	DATA	BAIRRO	USO ATUAL	NÍVEL DE PROTEÇÃO
01		Olympio Felix e Cia	Anterior a 1894	Valongo	Sem uso	Inexistente
02		Freitas, Lima, Nogueira e Cia	Anterior a 1919	Valongo	Armazém de matéria prima para produtos de limpeza	Inexistente
03		Luiz Leme Ferreira e Cia	Anterior a 1894	Valongo	Armazém de reciclagem	NP2 Fachada e Cobertura

04		Almeida e Cia	1891	Centro	Sede de escola de samba	NP2 Fachada e Cobertura
05		Grace e Co	Anterior a 1894	Centro	Garagem de caminhão	NP2 Fachada e Cobertura
06		Levy e Cia	Anterior a 1919	Centro	Sem uso	NP2 Fachada e Cobertura
07		Cerquinho, Rinaldi e Cia	Anterior a 1919	Centro	Sem uso	NP2 Fachada e Cobertura

08		Casa Picone	Anterior a 1919	Centro	Administração regional municipal	NP2 Fachada e Cobertura
09		Companhia Central	1918	Paquetá	Empresa Ambiental	NP2 Fachada e Cobertura
10		Companhia Central	Anterior a 1919	Paquetá	Estacionamento	Inexistente
11		Companhia Anchieta	1920	Paquetá	Sem uso	NP2 Fachada e Cobertura

12		Companhia Paulista	Anterior a 1919	Paquetá	Depósito da Receita Federal	NP2 Fachada e Cobertura
13		Leon Israel	1917	Paquetá	Sem uso	NP2 Fachada e Cobertura

Foto Aérea:

Bairro: Valongo

Endereço: Rua Visconde de São Leopoldo, 279

Data: Anterior a 1894

Proprietário identificado: Olympio, Felix e Cia

Uso atual: Sem uso

Nível de Proteção: Inexistente

O edifício estudado foi de propriedade da Casa Comissário Olympio, Felix e Cia. Fundada no ano de 1899 a partir da extinção da firma Pinto de Almeida e Cia e trabalhava exclusivamente com o comércio de café.

*"Para conservação dos lotes recebidos, a firma possui vastos depósitos situados à rua Visconde de São Leopoldo, ns. 69 A - 276, com capacidade para abrigarem pelo menos umas 60.000 saccas."*⁵⁷

Figura 01: Fachada do armazém em 1919.
Fonte: São Paulo Moderno.

Figura 02: Vista interna do armazém em 1919.
Fonte: São Paulo Moderno.

⁵⁷ São Paulo Moderno, 1919, p.173.

Na publicação, junto com o texto de apresentação da empresa, há uma foto da antiga fachada do edifício. A fachada térrea revestida de argamassa, com frente para a Rua São Leopoldo, tem ritmo marcado por pilastras, formando módulos. Cada módulo possuía três portas, com verga de arco pleno, de cantaria, também presente nas ombreiras e soleiras. As esquadrias de ferro permitiam a iluminação e a ventilação natural.

A parte superior da fachada, em todo o perímetro do armazém, é caracterizada por uma cornija, encimada por uma platibanda em que se alternam elementos cheios e elementos vazados com balaustrada. A foto interna revela que a estrutura do telhado era composta por tesouras de madeira com presença de lanternim.

No endereço foram localizados remanescentes do armazém, restando apenas um módulo da antiga fachada. Em parte do lote foi construído um hotel.

O módulo remanescente da fachada, muito descaracterizado, foi incorporado a um novo armazém recebendo cobertura abobadada de estrutura metálica.

Figura 03: Armazém e seu entorno.
Foto: Autora, 2017.

Figura 04: Fachada remanescente do armazém. Foto:
Autora, 2017.

Figura 05: Croqui da fachada atual sem escala. Desenho: Paulo Victor Silva, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Valongo**Endereço:** Rua Marquês de Herval, 90**Data:** Anterior a 1919**Proprietário identificado:** Freitas, Lima, Nogueira e Cia**Uso atual:** Armazém de matéria prima para produtos de limpeza**Nível de Proteção:** Inexistente

A Casa Comissária Freitas, Lima, Nogueira e Cia é uma das mais antigas e mais importantes⁵⁸ do ramo na cidade de Santos. Foi fundada em 8 de novembro de 1881 sob o nome de Telles & Netto, mas ao longo dos anos passou por diversos outros nomes conforme as mudanças de sócios⁵⁹.

⁵⁸ "Em 1894, tendo ampliado de modo extraordinário as suas transações, passou a ocupar, como casa comissária de café um dos primeiros lugares; e em 1901 bateu o record dos recebimentos de café em Santos". DELANEY, EULALIO, FELDWICK, WRIGHT, 1913, p. 726.

⁵⁹ "Os seus inícios datam da firma Telles & Netto, cujos sócios foram Antonio Carlos da Silva Telles e Domingos Luiz Netto. Por isso, foi a firma conhecida por muito tempo como "Casa Telles", embora outras denominações também fossem surgindo. Em 1883, a razão social passa a Telles, Netto & Cia com a entrada de dois novos sócios: Bento Quirino dos Santos e José Paulino Nogueira, conhecidos negociantes campineiros. Silva Telles ficou responsável pelas vendas e compras de café e gerência. Domingos Luiz Netto, na direção do escritório, enquanto os Bento Quirino e Nogueira negociavam em Campinas. Em 1899, com a retirada de Domingo L. Netto, a firma passa a chamar-se Telles, Quirino & Nogueira. Em 1905 a denominação Freitas, Lima, Nogueira & Cia, com a entrada de novos sócios: Antonio de Freitas Guimarães Sobrinho, Joaquim Bento Alves de Lima e os irmãos, José Paulino Nogueira Filho e Tadeu Nogueira. Os socios mais antigos – Silva Telles e Bento Quirino e José Paulino – passam a ser comanditários, que se retiram em 1910. A firma passa à Lima, Nogueira & Cia em 1921, com a morte de Freitas Guimarães, e teve vigência até 1961, quando se extinguiu, por dificuldades financeiras". PEREIRA, 1980, p.139.

O armazém estudado aparece em publicações de 1913⁶⁰ e 1919⁶¹ associado ao período em que a firma possuía o nome de Freitas, Lima, Nogueira e Cia:

"O seu escritório está instalado no pavimento superior do prédio nº 7 da rua Quinze de Novembro⁶², e seus armazéns a rua Marquez de Herval e travessa do mesmo nome até a rua V. de São Leopoldo."⁶³

Ainda hoje o edifício possui fachada para três ruas no bairro do Valongo. Um trecho na Rua Marquês de Herval, toda a testada de quadra da Rua Senador Cristiano Otoni (antiga travessa Marquez de Herval ou travessa da Paz) e um trecho para avenida São Leopoldo.

O armazém térreo é construído de alvenaria autoportante de tijolos revestida de argamassa. A fachada principal, com frente para a Rua Senador Cristiano Otoni, é composta por nove módulos demarcados por pilastras. Em cada módulo a abertura central é a porta, antigamente composta por uma esquadria de ferro que permitia a iluminação e a ventilação natural no edifício. Essas esquadrias, porém, não existem mais e atualmente os vãos estão fechados. Também compõem o módulo, nas duas laterais das portas, demarcações de janelas em baixo relevo que, como as fotos antigas revelam, sempre foram fechadas com alvenarias.

No módulo central existe uma quebra intencional dessa simetria e justamente ali foi realizada a maior alteração, com a abertura de dois grandes vãos para a entrada de veículo de grande porte no armazém.

As fachadas que dão frente à Rua Marquês de Herval e para a Rua Visconde de São Leopoldo possuem dois módulos cada, seguindo o mesmo ritmo da fachada principal.

⁶⁰ DELANEY, EULALIO, FELDWICK, WRIGHT, 1913, p. 726.

⁶¹ São Paulo Moderno, 1919, P.152.

⁶² Existe uma divergência quanto ao endereço do escritório, a numeração do escritório da Casa Comissária aparece como nº55 na publicação São Paulo Moderno, 1919, p. 152.

⁶³ DELANEY, EULALIO, FELDWICK, WRIGHT, 1913, p. 726.

Todas as fachadas são arrematadas por uma cornija encimada por platibanda. A platibanda é marcada por pilastras que seguem o ritmo dos módulos da parte inferior do edifício. Na parte central de cada módulo, a platibanda tem elemento ornamental demarcado por pilastras, com um óculo, encimado por arco abatido.

As fotografias antigas revelam alguns ornamentos representando folhas de café, mas esses acabamentos se perderam ao longo dos anos. Também é possível identificar que o edifício possui sistema estrutural misto de alvenaria autoportante de tijolos, com pilares metálicos e na cobertura tesouras de madeira.

Figura 01: Fachada do armazém em 1919.
Fonte: São Paulo Moderno.

Figura 02: Vista interna do armazém em 1919.
Fonte: São Paulo Moderno.

A cobertura era composta por telhas de barro. Nos dias atuais o edifício possui cobertura de telhas de fibrocimento apoiadas em uma estrutura de madeira. Por foto aérea também se vê que os módulos da cobertura foram alterados e os lanternins, elementos que permitiam a entrada de luz e ventilação natural, foram removidos.

O edifício está em avançado grau de deterioração, as alvenarias das fachadas estão fora de prumo com risco de desabamento. Atualmente, é usado como estocagem de matéria prima para produtos de limpeza⁶⁴ e não possui nenhum tipo de proteção pela legislação municipal.

⁶⁴ Constatado em visita de campo.

Figura 03: Vista do armazém na esquina da Rua Marquês de Herval com a Rua Senador Cristiano Otoni. Foto: Autora, 2017.

Figura 04: Vista do armazém na esquina da Rua Senador Cristiano Otoni com a avenida São Leopoldo. Foto: Autora, 2017.

Figura 05: Trecho retirado de postal, onde aparece o armazém na parte baixa da imagem, do início do século XX. Fonte: Lembranças de São Paulo.

Figura 06: Levantamento métrico da fachada do armazém para a Rua Senador Cristiano Otoni. Fonte: Realizado pela autora em 2014.

Foto Aérea:

Bairro: Valongo

Endereço: Rua Marquês de Herval, 18-24

Data: Anterior a 1894

Proprietário identificado: Luiz Leme Ferreira e Cia

Uso atual: Armazém de reciclagem

Nível de Proteção: NP2 – Fachada e Cobertura

Este armazém, segundo a publicação São Paulo Moderno era de propriedade da Casa Comissária Luiz Leme Ferreira e Cia.

*"Para a conservação dos lotes de café e cereaes adquiridos ou recebidos em consignação, a casa possui vastos armazens nesta cidade, à rua Marquez do Herval, Ns 12,18,20,24 e 28."*⁶⁵

Este imóvel é um exemplar da primeira fase dessa tipologia, em função de sua implantação ser próxima à estação ferroviária, bem como, possuir uma linguagem simplificada.

É feito de alvenaria de pedra e cal com argamassa. O armazém possui gabarito térreo e aberturas com vergas em arco pleno de cantaria, mesmo material das ombreiras e soleiras.

Esse exemplar não possui platibanda: o telhado avança em um beiral para a proteção da fachada, atualmente pintada na cor branca.

⁶⁵ São Paulo Moderno, 1919, p.182.

O edifício sofreu algumas descaracterizações, o telhado atualmente é de telha de fibrocimento e algumas aberturas para acesso de veículos de grande porte quebram o ritmo das aberturas.

Não foram encontradas informações documentais e fotográficas antigas do imóvel; na publicação São Paulo Moderno consta apenas o endereço.

Figura 01: Vista do armazém e seu entorno. Foto: Autora, 2017.

Figura 02: Nesse trecho com desprendimento da argamassa é possível confirmar a alvenaria de pedra e cal. Foto: Autora, 2017.

Figura 03: Vista panorâmica da fachada do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 04: Vista interna da cobertura atual. Foto: Autora, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Centro

Endereço: Rua São Bento, 25 e 27

Data: 1891

Proprietário identificado: Almeida e Cia

Uso atual: Sede de escola de samba

Nível de Proteção: NP2 – Fachada e Cobertura

O edifício, sede da Casa Comissária Almeida e Cia⁶⁶, organiza-se em dois pavimentos, o inferior usado para estocar o produto e o superior com atividades administrativas. Trata-se de um exemplar com linguagem que segue os padrões da arquitetura erudita, sem feição industrial.

No projeto original, o pavimento térreo apresentava portas em arco pleno que davam ritmo a fachada, com acabamento de cantaria. Essas aberturas serviam de acesso ao espaço de armazenagem, com exceção da porta à esquerda que servia de acesso ao pavimento superior.

No pavimento superior as janelas seguiam a mesma dinâmica das aberturas do térreo, porém abandonavam os arcos plenos, arrematando as aberturas com vergas retas. Uma grande cornija fazia o arremate superior do edifício, marcado, em sua parte central, por um frontão triangular.

⁶⁶ "Outra firma, das mais antigas do comissariado santista, é a Almeida Mello & Cia. Sua história começa no século passado, precisamente em 1887, com a firma F.C. d'Almeida Moraes & C. (...) Em 1895, a razão social da firma passa a Almeida Moraes, Mello & C [...] Em 1899, denomina-se Almeida Mello & C." PEREIRA, 1980, p.125.

No arquivo municipal localizou-se projeto com o desenho da fachada que apresenta assinatura do engenheiro arquiteto sueco Carlos Ekman, o mesmo profissional que assina o projeto da Vila Penteado, sede do curso de Pós Graduação da FAUUSP⁶⁷. A fachada construída não corresponde totalmente ao projeto, em especial no coroamento da parte central.

Ao longo dos anos sofreu uma série de alterações em sua fachada. No pavimento térreo, as aberturas em arco pleno foram fechadas e um novo vão central foi aberto para acesso de veículos de grande porte. No pavimento superior, as janelas foram substituídas por venezianas e basculantes em tamanho padrão de mercado menores que as originais, o que ocasionou a diminuição dos vãos.

Quanto à cobertura não foram localizadas nesta pesquisa informações a respeito, mas a cobertura atual é composta por telhas de fibrocimento resultantes de modificação posterior.

Figura 01: Projeto da fachada. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Figura 02: Fachada do armazém em 1902. Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos241.htm>. Acessado 15 de fevereiro de 2016 às 14:15h.

⁶⁷ REIS Filho, 2002, p.58.

Figura 03: Segundo a Fundação Arquivo e Memória de Santos, essa foto retrata um incêndio que atingiu o armazém no ano de 1950. Foto: José Dias Herrera, 1950.

Figura 04: Vista da fachada atual. Foto: Autora, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Centro

Endereço: Rua São Bento, 91-97

Data: Anterior a 1894

Proprietário Identificado: Grace e Co

Uso atual: Garagem de caminhão

Nível de Proteção: NP2 – Fachada e Cobertura

Este armazém segundo a publicação São Paulo Moderno era de propriedade da Casa Comissária Grace e Co, empresa norte americana com sede em Nova Iorque.

*"Para armazenamento dos lotes de café recebidos e na espera do seu embarque se tornar possível a Sociedade dispõe de vastos depósitos, situados à rua S. Bento 100/106 e 91/97 e rua Xavier de Toledo 59/65 e com capacidade para abrigar mais de 300.000 sacas."*⁶⁸

Dos endereços citados apenas foi localizado o armazém da Rua São Bento, nº 91/97. A projeção do edifício já aparece no mapa de 1894, mas não foram encontradas informações documental e fotográfica desse imóvel.

Implantado próximo à estação ferroviária, possui uma linguagem simplificada, por esse motivo pode-se aferir que se trata de um exemplar do início desse programa de necessidades, a estocagem de café.

⁶⁸ São Paulo Moderno, 1919, p.143.

O armazém é térreo, tem aberturas com verga em arco pleno de cantaria, assim como ombreira e soleira. Esse exemplar não possui platibanda, o telhado avança em um pequeno beiral para a proteção da alvenaria de pedra e cal argamassada.

O edifício sofreu muitas descaracterizações; o telhado atualmente é de telha de fibrocimento e algumas aberturas para acesso de veículos de grande porte quebram o ritmo da fachada. Em um trecho apresenta segundo pavimento para abrigar um escritório, não sendo possível datar esta intervenção.

Figura 01: Vista da fachada atual. Foto: Autora, 2017.

Figura 02: Croqui da fachada atual. Desenho: Paulo Victor Silva, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Centro

Endereço: Rua Visconde de Vergueiro, 46

Data: Anterior a 1919

Proprietário identificado: Levy e Cia

Uso atual: Sem uso.

Nível de Proteção: NP2 – Fachada e Cobertura

Essa casa comissária foi fundada em 1895⁶⁹, sob o nome Levy e Barros. Ao longo dos anos passou por diversos nomes em função das mudanças de sócios⁷⁰. Até que em 1911 passou a se chamar Levy e Cia.

*"A firma foi grande comissária e exportadora até 1911, quando volta a ser somente comissária. Retorna os negócios de exportação, inclusive de cereais, no final da primeira grande guerra."*⁷¹

Como PEREIRA revela, a casa trabalhou muitos anos apenas no ramo de café, já que seus sócios eram proprietários de fazendas que produziam o grão no interior do Estado mas, a partir de 1915⁷² deixou a exclusividade e passou a trabalhar com outros produtos.

⁶⁹ Existe uma divergência quanto a data de fundação, na publicação São Paulo Moderno, de 1919 é informada o ano de 1893. São Paulo Moderno, 1919, p.127

⁷⁰ "Em 1895, em Santos, juntamente com Alfredo Barbosa de Barro, Jacob Levy Neto, (...) fundam a comissária de café Levy e Barros; dois anos mais tarde torna-se firma individual em nome de Jacob. O capital inicial dessas firmas era produto da renda das propriedades agrícolas que a família possuía em Limeira. [...] Em 1906 está constituída a Levy, Alvaro & C. que em 1908 abre seção de exportação e, em 1911, com a caída de Álvaro Macedo Guimarães, torna-se Levy & C." PEREIRA, 1980, p.146-147.

⁷¹ Idem, p.147.

⁷² São Paulo Moderno, 1919, p.127.

O armazém estudado possui apenas um pavimento. A fachada autoportante em tijolo é argamassada e composta por um ritmo de aberturas intercalando janelas e portas, ambos com acabamento em arco pleno com aduela de topo. A fachada é arrematada por uma cornija encimada por platibanda.

Nenhuma informação de planta e fotos foi encontrada nos arquivos municipais.

Atualmente o imóvel possui cobertura em quatro águas com telha de barro. A fachada sofreu dois rasgos para o acesso de veículos de grande porte e as janelas foram fechadas. O imóvel encontra-se sem uso.

Figura 01: Foto da fachada em 1919. Fonte: São Paulo Moderno.

Figura 02: Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 03: Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 04: Levantamento métrico da fachada do armazém.
Fonte Revista AB Arquitetura do Brasil, 1988-1992.

Figura 05: Levantamento métrico da planta do armazém.
Fonte Revista AB Arquitetura do Brasil, 1988-1992.

Foto Aérea:

Bairro: Centro**Endereço:** Rua Alexandre Rodrigues, 33**Data:** Anterior a 1919**Proprietário identificado:** Cerquinho, Rinaldi e Cia**Uso atual:** Sem uso.**Nível de Proteção:** NP2 – Fachada e Cobertura

A Casa Comissária Cerquinho, Rinaldi & Cia foi fundada em 07 de outubro de 1908⁷³. Possuía seus armazéns e escritório instalados no edifício situado na Rua Alexandre Rodrigues, no bairro Centro.

*"Occupando modernos e espaçosos armazens, cuja construção importou em Rs 150:000\$000, à Rua Alexandre Rodrigues nº09, a firma Cerquinho Rinaldi & Cia está estabelecida com casa de comissões, em Santos, desde 1908. São socios os Srs. Alfredo Vaz Cerquinho, Miguel A. Rinaldi e Olympio Felix Araujo Cintra. Durante o anno, opera a firma com cerca de 200 000 saccas de café, todo vendido em Santos. Têm tres armazens com capacidade para 100.000 saccas. Os tres socios são naturaes do Estado de S. Paulo e há muitos annos se dedicam ao negocio do café. O Sr. Rinaldi possui varias fazendas de café, e os outros são tambem proprietarios de terras."*⁷⁴

Não foram encontrados registros sobre o ano da construção de sua sede, mas na publicação *São Paulo Moderno*, de 1919, existem fotografias que registram a fachada e o escritório da Casa Comissária. Na mesma publicação, acompanha as fotografias um texto de apresentação da firma que salienta a mercadoria negociada e sua origem no interior do Estado.-

⁷³ São Paulo Moderno, 1919, p. 168.

⁷⁴ DELANEY; EULALIO; FELDWICK; WRIGHT, 1913, p. 723.

*"Emprega a sua actividade exclusivamente no negocio de comissões e consignações de café, recebendo o producto do interior d'este Estado e vendendo-o nesta praça de Santos, nas condições habituaes dessa ordem de negocios".*⁷⁵

O edifício foi concebido a partir de alvenaria autoportante de tijolos dividido-se em três volumes. Os volumes laterais são térreos e funcionavam apenas como armazéns de estocagem; já o volume central possuía dois pavimentos, no térreo armazém e no pavimento superior escritório. Os acessos eram independentes para cada armazém e para as salas que estavam no segundo pavimento.

Figura 01 – Fotografia da fachada da Casa Comissária. Fonte: São Paulo Moderno, 1919.

Figura 02 – Fotografia do escritório da Casa Comissária. Fonte: São Paulo Moderno, 1919.

A organização da planta em três corpos, cada um deles coberto por telhados de duas águas, reproduz-se na fachada do edifício. Composta por três divisões, a fachada de tijolos aparentes seguindo o aparelho losango⁷⁶ (ver foto adiante) era de grandes dimensões e cuidado compositivo. A inclinação dos telhados marca a parte superior das fachadas de cada um dos corpos.

⁷⁵ São Paulo Moderno, 1919, p.168.

⁷⁶ D'ALAMBERT, 1993, p.45.

As extremidades de cada um deles, era marcada por pilastras, assim como a parte central, com um par de pilastras encimado por elemento curvo. Cada corpo, desse modo, tinha três panos. Nos panos laterais dos corpos mais baixos havia um par de nichos arrematado por verga de arco pleno. Nos panos centrais portas, também com vergas de arco pleno, encimadas por elementos em baixo-relevo e por nicho semi-circular. O corpo central, o mais alto, era assimétrico: além da porta no pano central, tinha uma segunda porta, que provavelmente dava acesso ao pavimento superior, ladeada por um nicho, num dos panos laterais, enquanto no outro pano, existiam dois nichos. A porta do pano central era encimada por uma janela alongada com verga de arco pleno, por sua vez encimada por um óculo. Na parte superior dos panos laterais, um par de janelas com verga de arco pleno.

Figura 03 – Imagem recortada de Aquarela com vista da cidade no início do século XX. Fonte: Lembranças de São Paulo.

Figura 04 – No centro da imagem o armazém em fotografia da década 1960. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Fotos antigas revelam vestígio do que foi um dia a cobertura dessa edificação. Cada parte do edifício possuía uma cobertura em duas águas com telhas de barro.

Em uma foto da década de 1960, identifica-se um volume que se destaca na cobertura. Não é possível ter certeza se essa foi uma intervenção posterior ou se já fazia parte do edifício desde o momento da construção, mas

essa volumetria pode ser o indício da presença de um maquinário de rebeneficiamento integrado à estrutura do armazém.

Figura 05 – Desenho comparativo da fachada do armazém, em linhas contínuas a fachada atual, em tracejado a fachada em 1919. Fonte: Desenho elaborado pela autora em 2014, a partir de levantamento métrico da fachada atual e a parte tracejada a partir de fotografia de 1919.

Atualmente o armazém encontra-se abandonado e tomado por vegetação. A cobertura desabou completamente restando apenas as alvenarias de tijolos autoportantes.

A fachada está em avançado grau de deterioração. Intervenções realizadas enquanto o edifício ainda possuía uso descaracterizaram bastante sua forma do início do século XX.

Removeram-se os arcos do topo da parte superior central da fachada de cada um dos corpos e introduziram um friso argamassado horizontal, dividindo o térreo dos frontões e do segundo pavimento. Com essas interferências, o edifício que possuía linhas verticais marcantes passou a ter mais destaques nas linhas horizontais. Outra intervenção, muito comum também em outros

armazéns, foi a abertura de um grande vão central para acesso de veículos de grande porte.

As fotos antigas do armazém pouco revelam sobre as esquadrias originais. É possível observar que na fachada principal, no térreo, não havia janelas, mas sim nichos, mantendo os tijolos presentes no restante do conjunto.

Atualmente, pode-se identificar que essas janelas são de ferro tipo basculante e as demais esquadrias ou fragmentos de esquadrias todas de madeira.

Nas pesquisas no arquivo municipal não foram encontradas plantas. A ficha de processo indica o assunto “revestimento de frente” no ano de 1937, uma provável mudança da fachada, mas por falta de informações mais precisas no processo não é possível identificar quais são essas alterações.

Em uma publicação do Diário Oficial do município, a Prefeitura revelou a intenção de usar o lote do armazém para implantar a estação inicial de um teleférico que interligaria todos os morros da cidade. Seria recomposta volumetria parcial do armazém e na parte traseira uma nova estrutura abrigaria a plataforma de embarque segundo maquete eletrônica.

Figura 06 – Maquete eletrônica apresentada no Diário Oficial de Santos. Disponível em: www.santos.sp.gov.br/noticias/316807/assinadocontrato-com-empresa-que-fara-projeto-basico-do--teleferico. Acessado em: 02/08/2014 às 18:35h.

Figura 07 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 08 – Detalhe da fachada onde é possível identificar o aparelho losango.
Foto: Autora, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Centro**Endereço:** Rua Visc. do Rio Branco, 30**Data:** Anterior a 1919**Proprietário identificado:** Casa Picone**Uso atual:** Administração regional municipal.**Nível de Proteção:** NP2 – Fachada e Cobertura

Este armazém segundo a publicação São Paulo Moderno era de propriedade da Casa Comissária Casa Picone fundada em 1902⁷⁷.

*"Para conservação dos productos recebidos, a firma possui vastos depositos á rua Visc. De R. Branco, nº30, com capacidade para quantidades grandes."*⁷⁸

A projeção do edifício não aparece nos mapas de 1894 e 1904, também não foram encontradas informações documental e fotográfica sobre o imóvel nos arquivos.

O armazém possui fachada com gabarito térreo e quatro aberturas com verga de cantaria em arco pleno, a ombreira e a soleira também de cantaria. Esse exemplar possui platibanda com detalhe central em arco abatido.

⁷⁷ "Esta importante firma, que podemos collocar entre as mais antigas desta praça foi fundada, em 1902, pelo Snr. Nicolau Picone, sob cujo nome pessoal girou até 1915, data em que entrou como socio solidario o Snr. Jacyro Picone, filho do chefe da casa, ficando assim formada a razão social de Picone & Cia., até 2 de setembro de 1918, actualmente S.A. Casa Picone". São Paulo Moderno, 1919, p.167.

⁷⁸ Idem, 1919, p 167.

A alvenaria é autoportante de tijolo, recoberta de argamassa com pintura na cor branca. Na fachada frontal, um embasamento de pedra com altura de um metro dá um arremate no encontro com o passeio público.

Internamente, pilares metálicos fazem o suporte para as tesouras de madeira que compõem o telhado de telha cerâmica tipo francesa. Novas alvenarias foram construídas para abrigar o programa de sede administrativa da regional do bairro Centro, essas paredes possuem altura mais baixa que a estrutura do telhado e não chegam a encostá-la mas interferem na leitura do edifício.

É possível identificar que o edifício sofreu algumas intervenções na fachada, uma abertura para acesso de veículos de grande porte e outra fechada de alvenaria quebram o ritmo do edifício.

Figura 01 – Vista interna do armazém em 1919. Fonte: São Paulo Moderno.

Figura 02 – Vista interna do armazém atual. Foto: Autora, 2017.

Figura 03 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 04 – Vista interna do armazém.
Foto: Autora, 2017.

Figura 05 – Detalhe do encontro do pilar metálico com a tesoura de madeira. Foto: Autora, 2017.

Figura 06 – Croqui da fachada atual sem escala. Desenho: Paulo Victor Silva, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Paquetá**Endereço:** Rua da Constituição, 48**Data:** 1918**Proprietário identificado:** Companhia Central**Uso atual:** Empresa Ambiental**Nível de Proteção:** NP2 – Fachada e Cobertura

A publicação São Paulo Moderno menciona como de propriedade da Companhia Central vastos armazéns totalizando área de 14.000m² com frente para todas as faces da quadra: Rua Xavier da Silveira, Rua da Constituição, Rua General Câmara e avenida Conselheiro Nébias. Além destes, a publicação refere-se a outros sete armazéns sem endereços indetificados.

O diferencial dessas construções é a superação em capacidade de estocagem em relação aos edifícios pertencentes às Casas Comissárias. Com a crescente demanda por estocagem passou-se a construir armazéns maiores.

*"Com effeito, a existencia de 6.500.000 saccas, importancia approximativa do stock actual, e que tende a augmentar, creou serias difficuldades ás casas commissarias, cujos armazens não têm capacidade para tão fabulosas quantidades e cujas possibilidades financeiras nem sempre estão à altura das necessidades dos seus consignantes."*⁷⁹

⁷⁹ São Paulo Moderno, 1919, p. 114.

Em pesquisa nos arquivos municipais não foram encontradas informações sobre os edifícios originais. No entanto naquela quadra pode-se perceber a existência de alguns armazéns remanescentes.

Segundo Relatório da Companhia Constructora de Santos, no ano de 1918 foi encomendada a construção de armazém pela Companhia Central. O endereço constante deste relatório indica a Rua Xavier da Silveira e a Rua da Constituição, cita apenas o tempo de duração da obra e traz algumas imagens anexas, não sendo possível identificar a qual edifício se referem.

"Armazens para a Companhia Central de Armazens Geraes – Construídos nas ruas Xavier da Silveira e Constituição, respectivamente, em 70 e 90 dias"⁸⁰

Um destes, vasto armazém com frente para a Rua da Constituição, possui acesso recuado em relação à testada de quadra e ainda mantém o nome da companhia em alto relevo.

Exceto por este acesso marcado por um frontão, o restante do edifício está bastante descaracterizado, sendo possível ver alguns indícios de vãos em arcos que foram fechados.

Pilastras, do embasamento ao final da platibanda, criam diferentes planos na fachada e permitem a leitura do posicionamento das antigas aberturas.

Toda a fachada possui acabamento argamassado com pintura, cor cinza no embasamento e cor branca no restante, e uma cornija encimada por platibanda. Para adaptação ao novo programa de estocagem foram abertos grandes vãos para acesso de caminhões e máquinas.

A cobertura é composta por vários telhados de duas águas, todos com laternins, que permitem a ventilação e iluminação natural do espaço, e utilizam telha cerâmica tipo francesa.

⁸⁰ WHITAKER, 1919, p.15

Internamente o armazém possui grandes áreas de estocagem; um trecho com pé direito duplo revela a antiga localização do maquinário já removido; e as tesouras de madeira, que compõem a estrutura da cobertura, apoiam-se sobre pilares metálicos.

O imóvel possui proteção na legislação municipal que contempla fachada e cobertura. Atualmente possui uso de estocagem não mais vinculado ao comércio de café.

Figura 01 – Fachada do armazém 1918. Fonte: Relatório Companhia Constructora.

Figura 02 – Maquinário de Rebeneficiamento, 1918. Fonte: Relatório Companhia Constructora.

Figura 03 – Maquinário de Rebeneficiamento, 1918. Fonte: Relatório Companhia Constructora.

Figura 04 – Maquinário de Rebeneficiamento, 1918. Fonte: Relatório Companhia Constructora.

Figura 05 – Trabalhadores e máquinas de rebeneficiamento.
Fonte: São Paulo Moderno, 1919.

Figura 06 – Vista interna do armazém. Fonte: São Paulo Moderno, 1919

Figura 07 – Vista interna atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 08 – Acesso principal.
Foto: Autora, 2017.

Figura 09 – Levantamento métrico da fachada do armazém. Fonte: Cássia Texeira, 2007.

Figura 10 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 11 – Area do antigo maquinário. Foto: Autora, 2017.

Figura 12 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 13 – Pilares metálicos.
Foto: Autora, 2017.

Figura 14 – Detalhe do frontão com o nome da companhia. Foto: Autora, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Paquetá**Endereço:** Rua General Câmara, 297-301**Data:** Anterior a 1919**Proprietário identificado:** Companhia Central**Uso atual:** Estacionamento**Nível de Proteção:** Inexistente

Este armazém, localizado na Rua General Câmara, fazia parte do complexo da antiga Companhia Central mencionado na ficha anterior. Atualmente, eles estão separados por uma alvenaria, abrigam diferentes usos e são entendidos pelo município como lotes desmembrados, por isso são apresentados em fichas distintas.

Em pesquisa nos arquivos municipais não foram encontradas informações sobre o imóvel.

Atualmente, o armazém possui fachada de tijolo aparente assentado em aparelho flamengo⁸¹. As aberturas intercalam-se entre janelas e portas em arco pleno com a presença de aduela de topo. Observa-se friso horizontal de tijolo fazendo amarração entre as aberturas na altura do arremate dos arcos.

Os antigos vãos encontram-se inutilizados, estando fechados com alvenaria. Para acesso atual do edifício, quebrando o ritmo da fachada, foi aberto um grande vão à esquerda do conjunto.

⁸¹ "O engenheiro e arquiteto Vautier relatou que os pedreiros brasileiros para executarem paredes dobradas procedem geralmente por fiadas sucessivas de dois tijolos sobre o comprido e de um atravessado, assegurando assim, tanto quanto possível, o estabelecimento de juntas verticais alternadas" D'ALAMBERT, 1993, p.44.

O armazém tem cornija e platibanda em toda extensão da fachada, ambas com acabamento argamassado diferenciando-se do restante do edifício. A platibanda apresenta ainda alguns detalhes que remetem ao *art déco*.

Internamente, o edifício possui estrutura mista composta por pilares metálicos, alvenaria autoportante de tijolos e madeira na cobertura. Um volume destaca-se na área central do edifício onde provavelmente estava localizado o antigo maquinário.

Figura 01 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 02 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 03 – Vista interna atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 04 – Detalhe da platibanda. Foto: Autora, 2017.

Figura 05 – Levantamento métrico da fachada do armazém. Fonte: Cássia Texeira, 2007.

Figura 06 – Detalhe do aparelho flamengo. Foto: Autora, 2017.

Foto Aérea:

Bairro: Paquetá

Endereço: Rua General Câmara, nº437

Data: 1920

Proprietário identificado: Companhia Anchieta

Uso atual: Sem uso

Nível de Proteção: NP2 – Fachada e Cobertura

O edifício estudado foi de propriedade da Armazéns Gerais Anchieta segundo consta na ficha de processos da Prefeitura Municipal de Santos. Não foi localizada documentação referente ao projeto e sua construção. Na fachada existe inscrição de 1920, provavelmente ano de sua construção.

A empresa Anchieta trabalhava com o armazenamento e rebeneficiamento de café de acordo com propaganda de 1960.

Figura 01 – Anúncio da Companhia Anchieta publicado no Jornal Atribuna em 1960 indicando armazém a Rua General Câmara. Fonte: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/anuncios/h0350a1960b21.jpg>. Acessado: 22/08/2017 às 10:15.

O imóvel, implatando na esquina da Rua General Câmara com a Rua Dr. Cochrane, encontra-se atualmente fechado e sem uso. Não é possível ter acesso ao seu interior, pois as portas estão vedadas.

O armazém possui fachada de alvenaria autoportante de tijolos, revestida por argamassa e pintura branca. A fachada para a Rua General Câmara é composta por 6 módulos demarcados por pilastras. Cada módulo possui o indício de uma porta central em arco abatido ladeada por nichos, todos atualmente murados. Sobre a porta existem três janelas, os únicos vãos que permanecem abertos.

A fachada da Rua General Câmara é composta por frontões triangulares, com aberturas em semicírculos, seguindo a mesma modulação a fachada e a cobertura.

A fachada para a Rua Dr. Cochrane segue as mesmas características da fachada para a Rua General Câmara modificando o frontão por uma cornija encimada por platibanda. Além disso, uma das aberturas foi modificada, tendo sido retirado o arco abatido, provavelmente para acesso de veículos maiores.

Figura 02 – Fachada atual do Armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 03 – Fachada Rua Dr. Cochrane. Foto: Autora, 2017.

Figura 04 – Fachada Rua General Câmara. Foto: Autora, 2017.

Figura 05 – Detalhe da fachada da esquina. Foto: Autora, 2017.

Figura 06 – Desenho da fachada atual do armazém. Fonte: Desenho elaborado pela autora em 2014, a partir de levantamento métrico da fachada.

Foto Aérea:

Bairro: Paquetá**Endereço:** Rua Aguiar de Andrade, 58**Data:** Anterior a 1919**Proprietário identificado:** Companhia Paulista**Uso atual:** Depósito da Receita Federal**Nível de Proteção:** NP2 – Fachada e Cobertura

O armazém, localizado na Rua Aguiar de Andrade nº58, no bairro do Paquetá, pertencia a Companhia Paulista de Armazens Geraes, fundada em 26 de outubro de 1906⁸².

*"Esta Companhia foi a primeira do seu genero a fundar-se no Estado de São Paulo e veio positivamente preencher uma lacuna. Quando se organisou, havia muito que se fazia sentir a necessidade, cada anno mais imperiosa, de uma engrenagem de resistencia que sustentasse a nossa principal producção, - o café, o qual, até ahi, entrava absolutamente desarmado para o mercado de Santos, pois o lavrador, na maioria dos casos, mal aparelhado financeiramente para esperar a hora propicia da venda via-se obrigado a entregar o genero a todo o preço, para acudir ás suas prementes necessidades."*⁸³

Em outro trecho da mesma publicação, há informação que a empresa, apesar de estar habilitada a trabalhar com outros tipos de produtos, até o ano de 1919 trabalhava exclusivamente com café.

*"Até esta data, os armazens da Cia. Em Santos, são exclusivamente destinados ao café."*⁸⁴

⁸² São Paulo Moderno, 1919, p. 185.

⁸³ Idem, p. 185.

⁸⁴ Idem, p. 185.

Não foram encontrados nos arquivos referências ao projeto original e sua construção, mas, foram localizados processos referentes a reformas no imóvel que indicam sua dimensão, superior a 6.000 m².

Observando fotografia de 1919, o imóvel mantém muitas características até os dias atuais.

A fachada do armazém, autoportante de tijolo aparente, segue o aparelho losango⁸⁵, organiza-se em três partes. A parte central, onde está localizado o acesso principal, é composta por três módulos divididos por pilastras; o módulo do meio com a porta de acesso ladeado por duas janelas, e os módulos adjacentes com a presença de duas janelas em cada um.

As partes laterais são formadas por cinco módulos cada uma, sendo todas as aberturas portas, exceto nos módulos das extremidades que apresentam uma janela.

Todos os vãos possuem verga em arco abatido, ombreiras parciais e peitoril. As aberturas têm caixilhos de madeira com bandeiras e grades de ferro.

Alguns vãos são fechados de alvenaria aparente, seguindo o mesmo aparelho do restante da fachada, característica já notada na fotografia de 1919.

Ao longo de toda fachada há presença de cornija e frisos de tijolos aparentes dispostos em topo. A platibanda possui acabamento argamassado e é pintada na cor branca, com desenho diferenciado marcando cada uma das partes que formam a fachada.

⁸⁵ D'ALAMBERT, 1993, p.45.

A cobertura está dividida em cinco módulos, todos compreendem um telhado de duas águas com laternim. O edifício possuía telhas de ardósia⁸⁶ com aparência semelhante a escamas de peixe. Recentemente uma intervenção substituiu as antigas telhas por novas de fibrocimento.

No módulo central do armazém foi reservada área para implantação de maquinário para rebeneficiamento de café.

O edifício possui estrutura mista de alvenaria de tijolos, pilares metálicos e tesouras de madeira conforme verificado em visita ao local.

O uso atual como depósito de mercadorias apreendidas pela Receita Federal dificulta bastante o acesso ao interior do imóvel. Em 2012, após diversas tentativas foi possível adentrar o local e fazer alguns registros fotográficos com uma série de restrições; não foi possível, porém, verificar se as máquinas de rebeneficiamento ainda estão no local, já que ficam no pavimento superior onde não foi permitido o acesso.

Figura 01 – Desenho da fachada atual do armazém. Fonte: Desenho elaborado pela autora em 2014, a partir de levantamento métrico da fachada.

⁸⁶ "Xisto que pode ser fragmentado em lâminas, de côr cinza ou azulada, cujo nome deriva de Ardy, cidade da Irlanda onde existiram grandes jazidas daquele material. Suas lâminas aparelhadas serviram, em larga escala, para cobertura de edifício na Europa, local onde também foram usados para revestimentos internos e na feitura de lareiras, fogões, mesas e, também, na arquitetura funerária". CORONA e LEMOS, 1972, p.52.

"Art. 80 As coberturas dos prédios serão de telhas de barro, sendo permitidas, mediante licença, as de ardósia e de cobre moldurado ou liso, de zinco moldurado ou liso e em terraço". Código de Posturas, 1897 in DIAS, 2010, p.182.

Figura 02 – Fachada do armazém em 1919. Fonte: São Paulo Moderno, 1919.

Figura 03 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 04 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 05 – Fachada atual do armazém. Foto: Autora, 2017.

Figura 06 – Fachada lateral do armazém. Foto: Autora, 2012.

Figura 07 – Fachada lateral do armazém. Foto: Autora, 2012.

Figura 08 – Tesouras de madeira no interior do armazém. Foto: Autora, 2012.

Figura 09 – Silos metálicos localizado no trecho central do armazém, local onde possivelmente encontra-se o maquinário. Foto: Autora, 2012.

Figura 10 – Detalhe do pilar metálico. Foto: Autora, 2012.

Figura 11 – Detalhe das portas de correr de madeira. Foto: Autora, 2012.

Foto Aérea:

Bairro: Paquetá**Endereço:** Rua Aguiar de Andrade, 46**Data:** 1917**Proprietário identificado:** Leon Israel e Cia**Uso atual:** Sem uso**Nível de Proteção:** NP2 – Fachada e Cobertura

Este Armazém, encomendado pela firma Leon Israel, foi inaugurado em 04 de janeiro de 1917⁸⁷. Leva o nome do engenheiro Roberto Simonsen, diretor da Companhia Construtora de Santos responsável pela construção deste edifício e de outros importantes exemplares desse período na cidade como, por exemplo, a sede da Bolsa do Café de Santos⁸⁸.

O edifício com alguns traços ecléticos, localiza-se no bairro do Paquetá. Todo o armazém foi concebido com gabarito térreo, apenas no centro de sua planta apresenta pé direito mais alto, configurando dois pavimentos. Nesse volume estavam localizadas as máquinas de rebeneficiamento de café.

Possui grandes dimensões totalizando 2.000 metros quadrados no qual podia comportar até 70.000 sacas de café⁸⁹.

As fachadas de alvenaria de tijolos autoportante têm acabamento de tijolos aparentes seguindo o aparelho flamengo com arremates de tijolos dispostos em topo.

⁸⁷ Jornal A Tribuna, p 05, 04 de janeiro de 1917.

⁸⁸ FARIA, 2017, p. 27.

⁸⁹ WITAKER, 1918, p.20.

Na cercadura das portas, o acabamento é em arco pleno com bossagem e aduela de topo, revestido com argamassa de cimento em sua cor natural, assim como a cornija e platibanda que acompanham o edifício em todo o seu perímetro.

Originalmente as fachadas possuíam três vãos para a Rua João Pessoa e oito vãos na fachada da Rua Aguiar de Andrade, portas que contém os gradis originais de ferro fundido. Na fachada da Rua Aguiar de Andrade em seu acesso central possui o nome "Armazém Roberto" gravado na platibanda.

Internamente, o edifício possui pilares de concreto armado que fazem o apoio da estrutura da cobertura. O trecho central mais alto recebeu empenas de alvenaria para acompanhar a maior altura.

A cobertura de telha cerâmica tipo francesa apoia-se sobre estrutura de madeira constituída por tesouras. A presença de lanternim com acabamento em sheds com brises de madeira permitem a penetração de luz natural e a ventilação do armazém.

Suas máquinas, de acabamento primoroso de madeira, foram produzidas nas oficinas da própria Companhia Construtora de Santos⁹⁰. Faziam a distribuição do café automaticamente.

Posteriormente, o edifício foi ampliado ao longo da Rua Aguiar de Andrade, intervenção que respeitou as características arquitetônicas do trecho original.

Em 1980, ainda com o funcionamento de depósito para sacas de café, o lote do Armazém Roberto foi unificado ao lote vizinho da Rua João Pessoa.

Este armazém, escolhido como estudo de caso, será detalhado no capítulo seguinte.

⁹⁰ WITAKER, 1918, p.20.

Figura 01 – Desenho da fachada atual do armazém. Fonte: Desenho elaborado pela autora em 2012, a partir de levantamento métrico da fachada.

Figura 02 – Armazém Roberto em 1919. Fonte: São Paulo Moderno, 1919.

Figura 03 – Armazém Roberto atual. Foto: Autora, 2017.

2.3. Armazéns de Café como bens culturais: aspectos da legislação

A partir do estudo da tipologia dos armazéns de estocagem de café santistas apresentado nos subcapítulos anteriores, estudou-se como esses edifícios foram entendidos e preservados até os dias atuais.

Como constatado anteriormente, as edificações de armazenagem enquadram-se no período da arquitetura eclética, que se distanciava do "*núcleo de interesse principal*", conforme critério de seleção aplicado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (antigo SPHAN)⁹¹. Este assunto é tratado por ARANTES em seu artigo.

*"O prazer da descoberta e o entusiasmo de Mário, um dos pais fundadores, não se renovou: tecnicizou-se. E se, por um lado, a ação preservacionista ganhou força institucional em decorrência disso, por outro, ela acabou perdendo muito em abrangência, vendo-se forçada a deixar praticamente à sua própria sorte ou critério dos Estados e Municípios, regiões, situações e bens que se distanciassem e/ou contrastassem com esse núcleo de interesse principal."*⁹²

Considerado um hiato da arquitetura, o ecletismo não foi reconhecido no passado. A negação das influências externas condenou os edifícios do período eclético e, conseqüentemente a arquitetura cafeeira, ao desprezo.

*"No contexto dessa preocupação com a identidade nacional, com uma 'arte brasileira', o voltar as costas a um passado europeu e academicista fez perceber uma manifestação artística autêntica que, mesmo se permeada de influências externas, nos era peculiar. A intenção era resgatar as raízes culturais nacionais para a partir de então, desenvolver a atividade artística em geral."*⁹³

Michel Parent, técnico do Serviço Principal de Inspeção dos Monumentos e de Inspeção de Sítios na França, em seu relatório de visita ao Brasil em missão financiada pela UNESCO nos anos de 1966 e 1967, ressaltou as principais potencialidades do país para o turismo. O inspetor cita os ciclos econômicos mais relevantes que impulsionaram a produção cultural e social brasileira, entre eles a

⁹¹ Os debates sobre preservação no Brasil iniciam-se por volta da década de 1930 e culminam com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico – SPHAN, pelo o Decreto Lei 25 de 1937. O grupo que encabeçava a preservação buscava, através da proteção do patrimônio, a construção de uma identidade nacional com a ideia de unidade. Sobre a trajetória da preservação no âmbito federal ver FONSECA, 2005.

⁹² ARANTES, 1987, p.50.

⁹³ KÜHL, 1998, p.202.

"epopeia do café" e considera que deveria haver uma atenção maior dos órgãos de preservação, para esses períodos econômicos⁹⁴.

Mas no âmbito nacional, a ampliação do estoque patrimonial só aconteceu por volta dos anos 2000, quando o IPHAN se preocupou em tombiar períodos da história da arquitetura antes deixados de lado, como o ecletismo.

O IPHAN, até o presente, possui sete exemplares arquitetônicos considerados de interesse federal na cidade de Santos, todos seguindo o modelo de preservação da arquitetura colonial⁹⁵, com exceção da Casa da Frontaria azulejada, exemplar neoclássico. Com a ampliação do estoque patrimonial, o órgão federal tombou em 2003 a antiga sede da Bolsa do Café, edifício eclético comentado no primeiro capítulo.

Apesar da aparente superação da antipatia estética com o ecletismo é possível notar que o órgão seguiu um antigo critério de preservar prioritariamente arquiteturas monumentais, mesmo critério usado para a região da Luz, em São Paulo⁹⁶. Apesar dos debates internacionais terem sido ampliados para uma arquitetura não monumental a partir da Carta de Veneza de 1964, a preservação da arquitetura simples, pouco ornamentada, do dia-dia, acabou ficando a cargo dos órgãos estaduais e municipais de preservação. Talvez isto deveu-se a dificuldades do órgão federal em atender a uma demanda maior.

No âmbito estadual, o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – CONDEPHAAT, criado em 1968, reproduziu os tombamentos do órgão federal, através de ex-ofício, e ampliou a preservação na cidade santista, predominantemente com tombamento de

⁹⁴ PARENT in LEAL, 2008, p. 44.

⁹⁵ Foram valorizados exemplares de arquitetura colonial, considerada a arquitetura autenticamente brasileira, pois representava a capacidade de adaptação de modelos estrangeiros às condições climáticas, técnicas, materiais e sociais do país. Por toda a extensão do território brasileiro foram inventariados bens culturais ligados a esse período da arte primitiva brasileira para receberem o tombamento pelo SPHAN. Do estado de São Paulo, como afirmou Mário de Andrade, não era possível esperar muita coisa com valor artístico tradicional, pois o processo de desenvolvimento econômico ocasionado pelo café causou a perda dessa memória artística autenticamente brasileira. Sobre o tema ver ARANTES, 1987.

⁹⁶ MARINS, 2011., p.13.

escolas estaduais do período eclético, assim como valorizou as paisagens naturais, como a serra do mar e o jardim da orla da praia.

De exemplar representativo da economia cafeeira santista, o CONDEPHAAT tombou a Bolsa do Café em 1981, antecipando-se em relação ao IPHAN.

Assim, a arquitetura produto do ciclo econômico do café foi preservada pelo órgão federal de forma pontual, com foco nos edifícios monumentais, e na esfera estadual com predominância no interior do estado, com foco nas fazendas.

Na esfera municipal, o Conselho de Defesa ao Patrimônio Cultural de Santos – CONDEPASA criado em 1989⁹⁷, reproduziu os tombamentos federais e estaduais e ao longo dos anos 90, ampliou o seu estoque patrimonial valorizando exemplares de todos os estilos arquitetônicos, incluindo palacetes ecléticos e as estações ferroviárias da antiga São Paulo Railway e da Sorocabana.

A cidade de Santos é referência quanto à proteção de bens culturais, uma vez que em sua lei de uso e ocupação do solo existe a demarcação de duas áreas de proteção cultural nos bairros centrais, com o objetivo de preservação do patrimônio histórico. Além disso, possui desde 2003 um programa de revitalização nomeado Alegria Centro.

Essa legislação normatizou com níveis de proteção muitos edifícios, dentre eles alguns que serviram para armazenagem de café no final do século XIX e início do século XX. No entanto, esses instrumentos não são suficientes, haja vista que nem todos os edifícios representativos dessa tipologia associada ao café estão contemplados com níveis de proteção e alguns, apesar de possuírem nível de proteção, estão à margem das áreas protegidas, ficando sua ambiência carente de proteção.

⁹⁷ Sobre a criação do CONDEPASA e bens tombados nas três esferas de governo na cidade de Santos, ver SAMPAIO, 2017.

Figura 24 – Mapa com a demarcação das áreas de proteção cultural e a classificação dos Níveis de Proteção dos Armazéns Inventariados. Elaborado pela autora.

Com a crise do capitalismo em 1929, o porto e a cidade de Santos sentiram as consequências desse acontecimento de forma drástica do ponto de vista econômico, político e social.

Os armazéns que recebiam e preparavam o produto para exportação, por uma questão de logística e pelos altos custos do porto de Santos foram transferidos para áreas próximas às lavouras e deixaram para trás edifícios que perderam sua função comercial.

Com a queda na exportação do café, a cidade de Santos somente voltou a experimentar outra intensa fase de desenvolvimento, de caráter imobiliário e especulativo, com a melhoria das condições da ligação rodoviária do planalto ao litoral. A inauguração da primeira pista da via Anchieta em 1947 e da segunda em 1953 contribuiu para a ocupação da orla da praia através da construção de diversos edifícios de arquitetura moderna em substituição às antigas chácaras.

A expansão urbana de Santos, dentro das suas novas necessidades de espaços, foi se apropriando dos lugares antes utilizados para armazenagem de café.

*"As demolições são peça-chave para compreensão dos processos de formação das cidades. A definição do que 'atrapalhava' o desenvolvimento urbano, o que e como devia ser preservado e as novas formas que tomavam os lugares destruídos informam sobre as intenções existentes sobre o espaço. Legitimadas pela 'imperiosidade técnica', pela 'vitória da razão e do progresso' revelam, no conteúdo dos novos monumentos e das novas ruínas; a cidade e os homens que se buscava construir."*⁹⁸

Assim, muitos armazéns foram demolidos para dar espaço a novos edifícios. Seus grandes terrenos tornaram-se alvo da especulação imobiliária, seja por meio de sua demolição e construção de um novo edifício, ou com a reutilização da edificação existente para novos usos. Esses novos usos muitas vezes tiveram o caráter de auxílio ao porto ou ao comércio presente no centro da cidade. Alguns armazéns remanescentes mantiveram suas funções de estocagem, mas com produtos diferentes do café. Essas mudanças de usos quase sempre exigiram a readequação das estruturas originais deixando cicatrizes prejudiciais a esses patrimônios.

⁹⁸ LANNA, 1996, p. 88.

Em função da dinâmica do porto e da economia de exportação, interferências e demandas afetam de forma intensa a evolução da cidade, provocando consideráveis perdas de sua memória edificada e, conseqüentemente ocasiona o desaparecimento de registros de sua história.

Com a implantação da sede da Petrobrás no centro histórico e a exploração de gás natural na bacia de Santos, um novo ciclo econômico foi imposto à cidade, provocando uma nova transformação urbana.

Exemplos da ameaça a que esse patrimônio está exposto são a Estação Elevatória de Esgoto projetada por Saturnino de Brito, tombada pelo município e o estado, e a antiga sede do Ministério da Agricultura, que não possuía nenhum nível de proteção e foram desrespeitados pela implantação da Avenida Perimetral, obra justificada pela extrema necessidade de desenvolvimento do porto santista.

Figura 25 – Parte remanescente do antigo Ministério da Agricultura. Foto: Autora.

Figura 26 – Estação Elevatória entre duas pistas da Avenida Perimetral. Foto: Autora.

A Norma de Quito, elaborada em 1967 pela Organização do Estados Americanos já alertava sobre essa pressão do desenvolvimento e a falsa ideia de progresso:

*"Todo processo de acelerado desenvolvimento traz consigo a multiplicação de obras de infraestrutura e a ocupação de extensas áreas por instalações industriais e construções imobiliárias que não apenas alteram, mas deformam por completo a paisagem, apagando as marcas e as expressões do passado, testemunhos de uma tradição histórica de inestimável valor. [...] Mutilação e degradação em nome de um mal entendido e pior administrado progresso urbano."*⁹⁹

⁹⁹ Norma de Quito, 1967. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Normas%20de%20Quito%201967.pdf>. Acessado em 10/03/2017, às 11:10 hs.

Por fim, conforme pesquisa realizada junto ao CONDEPASA, concluiu-se que apesar de muitos armazéns, entre os inventariados, serem protegidos por Legislação Municipal em Nível de Proteção 02, que contempla a proteção de fachada e cobertura, não existe um levantamento aprofundado e específico em relação a essa tipologia industrial que outrora foi tão importante para a cidade.

A ausência de um estudo aprofundado gerou situações como os armazéns da Companhia Central (ficha 09 e ficha 10 do inventário) que originariamente eram um conjunto único, mas os edifícios remanescentes tiveram seus lotes desmembrados e assim um está contemplado com nível de proteção na legislação municipal e o outro não.

Como vimos anteriormente, os armazéns de café foram peça chave no sistema econômico de exportação do café brasileiro. Este sistema iniciava-se nas fazendas do interior do estado, passando pela ferrovia, implantada para transportar essa produção. Chegava à cidade de Santos e aos Armazéns, finalizando no porto. Em Santos, também acontecia a parte de negociação a cargo dos comissários do café, com escritórios na região central. Fechava o conjunto a instituição da Bolsa do Café, que organizava as operações de compra e venda.

É importante compreender os edifícios dos armazéns como parte integrante desse sistema complexo que por muitos anos integrou-se à cidade de Santos, marcou sua paisagem e ditou seu desenvolvimento econômico e urbano.

Na escala municipal, boa parte dos exemplares da arquitetura do café possuem algum tipo de proteção, porém, eles não são entendidos e estudados a partir de um conceito mais ampliado, como elementos que formam um sistema, um organismo que mantinha a funcionalidade daquele ciclo econômico.

Os debates sobre patrimônio industrial intensificaram-se com a criação do TICCIH – The International Committee for the Conservation of Industrial Heritage e posteriormente com a Carta de Nizhny Tagil de 2003, mas isso pouco refletiu no

Brasil¹⁰⁰ *"na consolidação de uma efetiva prática de reconhecimento dos valores do patrimônio industrial ou a garantia dos devidos estudos, seleção e preservação"*¹⁰¹.

As paisagens urbanas que se formam com a implantação dessas tipologias industriais são singulares e devem ser estudadas dentro da sua multiplicidade. RUFINONI ressalta em sua tese de doutorado a importância das relações entre as tipologias em si e a relação delas com seu entorno:

*"Os antigos sítios industriais costumam agrupar diversos edifícios construídos em diferentes épocas, com tipologias construtivas distintas e cuja composição espacial provém de complexas relações pautadas pelo desenvolvimento das atividades produtivas ali sediadas [...] cuja avaliação e preservação não farão sentido se todos os elementos que compõem esse cenário não forem analisados como um conjunto, como um patrimônio urbano. Também o entorno desses sítios – áreas voltadas a outros usos, residenciais, por exemplo – deve ser observado e analisado com atenção, pois geralmente é composto por parcelas urbanas formadas e consolidadas em grande parte devido à presença da indústria."*¹⁰²

Portanto, a cidade de Santos, como parte integrante da história de exportação do café, abriga até os dias de hoje os principais elementos estruturantes desse sistema que devem ser compreendidos e preservados em conjunto, como um patrimônio urbano.

É importante ressaltar que alguns desses edifícios de armazenagem possuem os maquinários usados para o rebeneficiamento do café, guardando também a memória do fazer, da metodologia de separação e pesagem do café para então serem ensacados para a exportação. Assim como os escritórios das casas comissárias, abrigam mobiliários que revelam aspectos do processo de classificação e comercialização do grão. Esses elementos trazem em si intrinsecamente o saber fazer, o valor imaterial e são os pontos mais frágeis dessa memória, correndo risco constante de desaparecer.

¹⁰⁰ Sobre o tema Patrimônio Industrial no Brasil ver Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo – arq urb n. 3, 1º semestre de 2010 da Universidade São Judas Tadeu.

¹⁰¹ RUFINONI, 2013, p. 190.

¹⁰² Idem, p. 192.

CAPÍTULO 3
Estudo de Caso: Armazém Roberto

3. Estudo de Caso: Armazém Roberto

Este capítulo tem por objetivo aprofundar o conhecimento da tipologia de armazéns de café na cidade de Santos por meio do estudo de caso do Armazém Roberto.

Ao considerar a evolução dos armazéns de café em busca de um ideal que viesse atender a todo o processo de rebeneficiamento, partindo do inventário apresentado no Capítulo anterior, identificou-se, a partir dos estudos dos sistemas construtivos e organização espacial, um edifício representativo desta evolução.

Com o estudo de caso do Armazém Roberto pretende-se destrinchar a análise da técnica construtiva adotada, a adequação da estrutura para receber o maquinário utilizado naquela época para o rebeneficiamento do café¹⁰³ e a integração desse edifício, localizado fora da área do porto, com o contexto urbano predominantemente de uso habitacional, à época.

Até o início desta pesquisa o armazém possuía intacto o maquinário de rebenefício do café, fato que contribuiu para sua escolha como estudo de caso, porém no início de 2017, os atuais proprietários optaram pelo seu desmonte.

Para compreender melhor o objeto de estudo foi consultada bibliografia produzida pela Companhia Constructora, responsável pela edificação do Armazém estudado, bibliografia referente a edifício de produção do café e periódicos da época.

Além disso, foi realizada pesquisa na Fundação Arquivo e Memória de Santos com intenção de encontrar as plantas aprovadas pela Prefeitura à época da construção do armazém.

¹⁰³ "As máquinas de beneficiamento industrializadas movimentadas por motores mais eficientes, tornaram-se mais fáceis de ser manipuladas e, ao terem sua forma modificada, passaram a ocupar o espaço de maneira cada vez mais especial, o que demandava adaptação na arquitetura das instalações destinadas a abrigá-las". ARGOLLO, 2004, p.110.

3.1. O Armazém Roberto

O Armazém Roberto é um armazém com traços ecléticos, localizado no bairro do Paquetá, destaca-se pela sua riqueza arquitetônica e pelas grandes dimensões. Construído para estocar e rebeneficiar café foi uma encomenda da firma Leon Israel & C. e ganhou destaque no jornal municipal no dia de sua inauguração.

Figura 27: Reportagem do jornal A Tribuna de Santos no dia de inauguração do Armazém Roberto. Fonte: Hemeroteca de Santos.

Esta reportagem do jornal A Tribuna de Santos traz no dia de inauguração um texto de divulgação sobre armazém que transcreve-se a seguir:

"Armazem Roberto, da firma Leon Israel & C.

Como noticiámos, será inaugurado hoje, ás 16 horas, o grande armazem Roberto, da importante firma exportadora Leon Israel & Comp., situado á rua do Rosario, esquina da rua Aguiar de Andrade.

O armazém Roberto, da American Warehouse and Warrants Company, tem uma frente de 46 metros para a rua do Rosarios, e 44 metros para a rua Aguiar de Andrade, abrangendo uma área de cêrca de 2000 metros quadrados; podendo comportar amplamente setenta mil saccas de café. Foi projectado e construido pela Companhia Constructora de Santos, que nelle obedeceu ás condições technicas mais recommendadas para as modernas construcções dessa natureza.

A parte central compõe-se de dois pavimentos sendo ahi adaptado o systema de construcção em concreto armado. Nessa parte estão montados os importantes machinismos a que nos referimos adiante.

As fachadas se destacam entre as dos demais armazens desta cidade, pela distincção e correctismo das suas classicas linhas architectonicas e pelo emprego pittoresco dos grande panos de parede de tijolo apparentes rejuntados, ao lado dos portaes, embazamento, cornija e platibanda, revestidos com cimento na sua côr natural. Sem deixar de correponder, pela sobriedade e seriedade da sua decoração, ao fim e importancia do predio, essas fachadas muito bem se hamonizam com as das mais recentes e elegantes habitações da cidade.

Dispõe o armazem de uma installação completa de modernos machinismos para o rebeneficiamento e ensaque do café, sendo pelo que estamos informados, os mais aperfeiçoados dos existentes em Santos.

Grande parte das machinas como separadores, monitores, brunidores horizontaes, balança automaticas e machinas de costurar, foram encommendadas especialemten aos mais acreditados fabricantes dos Estados Unidos da America do Norte, tendo se encarregado da installação a Companhia Constructora de Santos, a qual tambem executou, nas suas oficinas, as outras machinas operadoras, como catadores, aspiradores, etc., e bem assim as machinas auxiliares, que automaticamente fazem a distribuição do café pelas machinas de rebeneficio e de liga, o depositam nas moegas e o fazem passar pelas balanças, onde é pesado automaticamente, para ser ensaccado e, finalmente, costurados os saccos nas interessantes machinas de costurar.

Essas machinas estão collocadas de forma a ser feita a liga e o ensaque do café ligado separadamente do rebeneficio e ensaque do café rebeneficiado, podendo sahir das machinas de liga, por minutos, oito saccos com café, pesados e costurados automaticamente, e das do rebeneficio quatro saccos por minuto.

Todas as machinas são accionadas separadamente por motores electricos de accordo com o que hoje se faz nas usinas modernas, de onde foram abolidas as longas transmissões, com as suas grandes perdas de energia.

Da parte electrica, foi encarregada a Companhia City, que tambem fornece a energia para mais de 120 cavallos, e estão dispostas de forma a poderem ser augmentadas mais tarde todas as installações.

O assentamento e o acabamento das machinas foram feitos com o maior capricho e muito recommendam as officinas mechanicas da Companhia Constructora de Santos.

*As 21 horas, os srs. Leon Israel & Comp. reunirão no armazém Rorberto muitas famílias da nossa primeira sociedade, a quem oferecem uma festa genuinamente yankee.*¹⁰⁴

Todo o edifício foi concebido com gabarito térreo, apenas no centro de sua planta apresentava pé direito mais alto. Nesse volume, característica que tornou-se marcante, destacando-se na paisagem, estavam localizadas as máquinas de rebeneficiamento de café.

À data de sua inauguração, 04 de janeiro de 1917, totalizavam 2.000 metros quadrados e podia armazenar até 70.000 sacas de café¹⁰⁵.

Para estudar essa edificação buscou-se nos arquivos municipais seu projeto original¹⁰⁶. Originalmente, as fachadas eram alvenarias autoportante de tijolos aparentes, seguindo o aparelho flamengo e com detalhes de arremate com tijolos dispostos em topo. Na cercadura das portas, o acabamento era em arco pleno com bossagem e aduela de topo, revestido com cimento em sua cor natural¹⁰⁷, assim como a cornija e a platibanda que acompanham o edifício em todo o seu perímetro.

O projeto inicial tinha 46 metros de fachada para a rua do Rosário, atual rua João Pessoa, e 44 metros para a rua Aguiar de Andrade.

As únicas aberturas do edifício eram portas que se organizavam em três vãos para a rua João Pessoa (à época denominada como rua do Rosário) e cinco vãos na fachada da rua Aguiar de Andrade. As esquadrias eram compostas por gradis em ferro fundido para a face externa e internamente, caixilhos em madeira.

A estrutura do edifício apresentava pilares de concreto armado que faziam o apoio da estrutura da cobertura. No trecho central mais alto, de acordo com o

¹⁰⁴ Jornal A Tribuna, p 05, 04 de janeiro de 1917.

¹⁰⁵ Idem, p.5.

¹⁰⁶ A Prefeitura Municipal de Santos organiza seus arquivos a partir de Fichas de Processo, conhecidas popularmente como "ficha rosa". Esse método, que torna as buscas mais eficazes, consiste em fichas organizadas por endereço com os processos referentes a cada lote. Infelizmente, esse cadastro não abrange todos processos mais antigos que é o caso do Armazém Roberto. Portanto, para localiza-lo foi necessário consultar diretamente o Arquivo Permanente da Fundação Arquivo e Memória de Santos. Esse arquivo organiza-se em caixas com 200 processos cada divididas por ano. Para essa pesquisa, partindo da data de inauguração em 1917, foram consultadas todas as 26 caixas referentes ao ano de 1915 (processos 001 ao 5200) e ao ano de 1916, consultou-se 8 caixas (processos 001 ao 1600). O processo com o projeto do Armazém Roberto foi encontrado sob o número 1420 e data de 01 de abril de 1916.

¹⁰⁷ Jornal A Tribuna, p 05, 04 de janeiro de 1917.

projeto, as alvenarias são de tijolo furado para acompanhar a maior altura e abrigar o maquinário. Possuem janelas para iluminação e ventilação da área com as máquinas para rebeneficiamento do café.

O telhado era de telha cerâmica do tipo francesa e apoiava-se nas tesouras de madeira. A presença de lanternim com acabamento em brises de madeira permitiam a penetração de luz natural e a ventilação do armazém.

O espaço de estocagem de café foi encomenda da Exportadora Leon Israel, empresa americana com sede em Nova Iorque, que fundou sua primeira casa para exportação na cidade de Santos em 1909¹⁰⁸. É recorrente também o nome *American Warehouse and Warrants Co* como a empresa contrante nos relatórios da Companhia da Constructora de Santos.

Figura 28: Fotografia do Armazém Roberto por volta de 1919. Fonte: São Paulo Moderno.

Figura 29: Fotografia interna do Armazém Roberto. Fonte: Relatório Companhia Constructora de Santos, 1917.

¹⁰⁸ São Paulo Moderno, 2019, p. 194.

Nos arquivos municipais o processo referente a sua construção é apresentado em papel timbrado com o nome da Companhia Constructora de Santos com data de 01 de abril de 1916 e o texto que se transcreve a seguir:

*"O abaixo assignado vem muito respeitosamente requerer de V. Ex. que se digne mandar expedir a necessaria licença para a construcção de um predio destinado a armazem de café, sito a rua do Rozario n.520, canto da rua Aguiar de Andrade, e de propriedade dos Snrs. LEON ISRAEL & CO. d'esta praça, de accordo com as plantas juntas."*¹⁰⁹

Figura 30: Fotografia do processo com o projeto do Armazém Roberto. Fonte: Fundação Arquivo e Memória de Santos

A seguir apresentam-se as reproduções das plantas¹¹⁰ anexas ao processo: Figura 31 – Fachadas do edifício, Figura 32 – Plantas e Figura 33 – Cortes.

¹⁰⁹ Processo Prefeitura Municipal de Santos nº 1420 de 1916.

¹¹⁰ Nas plantas do projeto do Armazém destacam-se alguns pontos: As edificações que fazem divisa com o projeto proposto são, em sua maioria, casas de moradia como indicado na planta; Os lanternins são indicados como "clarabórias" e no corte são intercaladas indicações do acabamento de veneziana e de vidro, mas atualmente todos tem acabamento de veneziana; Não há indicação da caixa d'água que hoje está no local do quinto módulo da cobertura com frente para a rua Aguiar de Andrade; Há diferenças no plano da fachada entre o projeto e o executado, no projeto o plano de tijolos aparentes era um só mas foi executado dois planos divididos por um friso em argamassa de cimento seguindo o mesmo acabamento do entorno das portas, embasamento, cornija e platibanda, conforme indica foto da fachada da época; Não há indicações do maquinário mas o projeto prevê o volume central onde as máquinas foram instaladas.

 

CIA CONSTRUCTORA DE SANTOS

PROJECTO DUM ARMAZEM DE CAFE'
PARA OS SNRS. LEON ISRAEL & BROS

RUA DO ROSARIO 520 — RUA AOUÇA DE ANDRADE

PLANTA - ESCALA 1:100

PLANTA N. 4277
21 Mayo 16

Alfred P. ...

136

By Walter J. R. R.
Walter J. R. R.

EM CONSTRUCTORA DE SANTOS
 PROJECTO DUM ARMAZEN DE CAFE
 PARA OS SRS. LEON ISRAEL & BROS
 RUA DO ROSARIO 520 — RUA AUGUSTA DE ANDRADE
 CORTES — ESCALA 1:50

E — F

G — H

A — B — C — D

O edifício ao longo do tempo passou por uma série de intervenções. Em uma delas, o edifício foi ampliado ao longo da Rua Aguiar de Andrade, intervenção que seguiu o partido arquitetônico do trecho de 1917. Pelas características da obra de ampliação e da qualidade da execução é provável que essas modificações aconteceram ainda na primeira metade do século XX.

Uma torre em estrutura metálica foi construída para sustentação do reservatório de água, elemento esse que não constava no projeto original e que assim como as demais intervenções não foi possível datar. No entanto, em foto de publicação do jornal A Tribuna de 1939 é possível verificar que a torre já havia sido instalada.

Figura 34 - Foto de publicação do jornal A Tribuna de 1939. O Armazém Roberto aparece em segundo plano à direita dos prédios do Moinho Santista. É possível verificar que a torre já havia sido instalada. Fonte: Novo Milênio. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/fotos/fotos072d.jpg> Acessado 11/09/2017 às 17:40.

Em 1980, ainda com o funcionamento de depósito para sacas de café, o lote do Armazém Roberto foi unificado com o lote vizinho da rua João Pessoa, onde o

edifício foi ampliado. Assim, ambos armazéns perfazem nos dias atuais 4.041,60 metros quadrados¹¹¹.

Figura 35 - Foto aérea da área total do Armazém nos dias atuais. Fonte: Google Earth.

Acréscimos em alvenarias internas criaram ambientes para uso de escritório. Na fachada da rua Aguiar de Andrade uma de suas portas foi fechada e outra ampliada para acesso de veículos. Foram também inseridas janelas basculantes na fachada para ventilação e iluminação dos novos escritórios.

¹¹¹ Processo Prefeitura Municipal de Santos nº 52460 de 2009

Figura 36 – Cronologia Construtiva do Armazém Roberto. Elaborada pela autora.

O armazém funcionou como estocagem de café até final do século XX. Em 2001 a empresa que administrava o edifício e suas funções vendeu o imóvel para o atual proprietário. A mudança de dono implicou na mudança de função. O armazém em 2012 era destinado à estocagem de produtos secos não definidos, onde foi possível encontrar diversos materiais sem valor comercial, conforme diagnosticado em visita ao local.

Figura 37 - Alguns dos produtos armazenados: garrafas de vidro, baldes de plástico, caixotes de feiras, pallets, entre outros. Foto: Autora, 2012.

O imóvel possui nível de proteção em legislação municipal, que contempla as fachadas e a cobertura. Por isso, em busca de incentivos de isenção de impostos estabelecidos pela Prefeitura Municipal de Santos, em 2009 o edifício foi objeto de uma intervenção para a recuperação das fachadas.

Mesmo após a reforma, o armazém está subutilizado, acontecimento recorrente na área central santista, enquanto aguarda por uma possível valorização imobiliária.

O resultado desta intervenção revela que importantes características do edifício não foram recuperadas, a exemplo da manutenção do acesso de veículos e das janelas basculantes que rompem bruscamente as proporções e o ritmo da fachada.

A argamassa de cimento que segundo resportagem do dia da inauguração era na cor natural de cimento, após a intervenção na fachada ganhou um tom amarelado que nada lembra cor de cimento. Além disso, os tijolos dispostos em topo foram pintados, criando uma diferenciação em relação aos demais.

Figura 38 -: Fotografia do processo de intervenção do Armazém Roberto. Destaque para a argamassa na cor cimento original. Fonte Processo Prefeitura Municipal de Santos nº 52460 de 2009.

Figura 39 - Fotografia do Armazém Roberto após a intervenção, destaque para a argamassa agora com tom amarelado. O nome do armazém indicado na platibanda é uma característica que permanece desde sua inauguração. Fonte: Autora, 2016.

A cobertura também não foi recuperada de acordo com suas características iniciais, onde em sua totalidade era composto por telhas cerâmicas do tipo francesa, e atualmente o volume central encontra-se com telhas de fibrocimento. Também foram mantidas claraboias de fibra de vidro ao longo da extensão do telhado e não foram restaurados os brises de madeira dos lanternins.

Apesar do partido adotado na requalificação do edifício ter pontos questionáveis, pode-se constatar que o mesmo está em bom estado de conservação, tendo apenas a necessidade de manutenção em locais de concentração de sujeira, umidade e pequenas vegetações.

O objeto de estudo está localizado no bairro do Paquetá, na área central da cidade de Santos, inserido em um contexto urbano de riqueza histórica arquitetônica, próximo a bens tombados, como por exemplo, o Cemitério do Paquetá e a Estação Elevatória de Esgoto da SABESP, elemento integrante do projeto de saneamento de Saturnino de Brito.

Nos arredores predominam funções de serviço e comércio intimamente ligadas ao porto: pátios de containers, armazéns de estocagem de produtos e algumas instalações industriais. Com isso, o fluxo de veículos pesados é muito presente na região o que gera grandes conflitos e deterioração da área. Além disso, o bairro do Paquetá é bastante caracterizado pela presença de habitações em cortiços, o que criou a necessidade da delimitação da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS 3), conforme Lei de Uso e Ocupação do Solo Municipal, que tangencia a quadra em que está localizado o Armazém Roberto.

Figura 40 - Fachada para a rua João Pessoa. Foto: Autora, 2014.

Figura 41 - Foto interna atual do Armazém Roberto. Foto: Autora, 2017.

Figura 42 - Fachada para a rua João Pessoa. Foto: Autora, 2016.

Figura 43 - Foto interna. Foto: Autora, 2012.

Figura 44 - Fachada para a rua Aguiar de Andrade. Foto: Autora 2016.

Figura 45 - Interior. Foto: Autora, 2017.

Figura 46 - Detalhe do lanternim. Foto: Autora, 2017.

Figura 47 - Detalhe alvenarias. Foto: Autora, 2017.

Figura 48 - Detalhe cobertura. Foto: Autora, 2017.

3.2. A Companhia Constructora de Santos

O Armazém Roberto, leva o nome do engenheiro Roberto Simonsen, diretor da Companhia Constructora de Santos responsável pela construção deste edifício e de outros importantes exemplares desse período na cidade.

A Companhia Constructora de Santos foi fundada no dia 1º de abril de 1912 na cidade de Santos. Seu escritório central estava localizado na praça da República nº 13, edifício já demolido.

*"Foram seus incorporadores os Snrs. Oswaldo Cochrane, Ataliba de Seixas Pereira e Lucio Loyola. Seu director fundador o Engenheiro Roberto Simonsen, que ocupou a superintendencia da Empresa até 21 de Junho de 1920, data em que se processou a primeira reforma dos seus estatutos e desde quando passou a exercer até hoje a sua presidencia."*¹¹²

O engenheiro Roberto Simonsen (1889 – 1948), ingressou na Politécnica de São Paulo aos 15 anos de idade, formou-se engenheiro aos 21 e aos 23 anos assumiu a empresa santista.

Seguindo o artigo 17 do seu estatuto, a Companhia elaborava relatórios anuais sobre os principais acontecimentos administrativos e projetos da empresa. Esse material, disponível para consulta no Museu Paulista da Universidade de São Paulo, foi muito importante para compreender a atuação da Companhia Constructora de Santos.

No início¹¹³ suas atividades concentravam-se na cidade de Santos, trabalhos de calçamento de ruas e construção de casa populares. Logo a sua atuação se estendeu para outras cidades do Brasil, chegando a construir dezenas de edifícios para as forças armadas.

"A Companhia Constructora de Santos, por si e pelas Empresas a que está ligada ou associada, já executou obras alcançando quase todos os setores da Engenharia, taes como arruamentos de bairros – jardins, monumentos publicos, calçamento de todos os typos, serviços de abastecimento de aguas, galerias de esgotos e aguas pluviaes, palacios e edificios publicos, bancos e construcções particulares de toda a especie, estrada de ferro e de rodagem, pontes e viaductos, tuneis, caes, estabelecimentos industriaes, bases de aviação militar e naval, quartéis para forças de terra e mar, hospitaes civis e militares, parques publicos e privados e varios templos.[...] A Companhia Constructora de Santos executou

¹¹² Companhia Constructora de Santos na exposição comemorativa do 1º Centenário da outorga de foros da cidade Santos, 1939.

¹¹³ *"Seus capital inicial de 400:000\$000 foi inteiramente subscrito pela praça de Santos. [...] Em 12 de Maio de 1920 foi o Capital da Companhia elevado a 1.200:000\$000, em 26 de abril de 1923, a 3.000:000\$000, alcançando hoje esse capital e suas reservas, cifra superior a 10.000:000\$000".* Idem.

obras militares para o Exército e Marinha Nacionais, em 39 localidades, distribuídas por 10 Estados do Brasil. Os serviços foram executados em 4 anos e estiveram sob a imediata direção geral do presidente da Companhia, Engenheiro Roberto Simonsen."¹¹⁴

Desde seu primeiro relatório já são descritas as construções de oficinas próprias e infraestrutura que atendam a todas as etapas da construção: pedreiras, carpintaria, serralheria, mecânica, depósito de materiais e almoxarifados.

Figura 49 - Escritório central à Praça da República. Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 50 - Escritório técnico na região da Vila Belmiro. Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 51 - Grupo de empresas ligadas a Companhia Constructora de Santos. Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 52 - Principais obras da companhia até 1917 na cidade de Santos. Fonte Companhia Constructora, 1918.

¹¹⁴ Idem, s/p.

Figura 53 - Instalações da empresa: Pedreira.
Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 54 - Instalações da empresa: Depósito de materiais. Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 55 - Instalações da empresa: Carpintaria.
Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 56 - Instalações da empresa: Serraria.
Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 57 - Instalações da empresa: Oficina mecânica de serralheria e funilaria. Fonte Companhia Constructora, 1916.

Figura 58 - Anúncio da Companhia em 1913.
Fonte Jornal A Tribuna, Hemeroteca Municipal de Santos.

Figura 59 - Anúncio da Companhia em 1913.
Fonte Jornal A Tribuna, Hemeroteca Municipal de Santos.

Figura 60 - Anúncio da Companhia em 1913.
Fonte Jornal A Tribuna, Hemeroteca Municipal de Santos.

Figura 61 - Anúncio da Companhia em 1913. Fonte Jornal A Tribuna, Hemeroteca Municipal de Santos.

Figura 62 - Anúncio da Companhia em 1913. Fonte Jornal A Tribuna, Hemeroteca Municipal de Santos.

Figura 63 - Anúncio da Companhia em 1916. Fonte Jornal A Tribuna, Hemeroteca Municipal de Santos.

A partir de 1915, as atividades do escritório foram divididas entre dois endereços, na praça da República, escritório central responsável pela parte comercial e na Vila Belmiro fora da região central, o escritório técnico da construtora.

Mas para este trabalho nos importa estudar a Companhia sob a ótica de construtora de armazéns de café. O Armazém Roberto foi inaugurado em 1917, no mesmo ano outro armazém foi encomendado, pela empresa norte americana *American Warehouse and Warrants Company*, na cidade do Rio de Janeiro.

"Armazem da America Warehouse And Warrants C.º, no Rio de Janeiro

Conforme dissemos no relatório passado, contractamos a construção de um grande armazem para café para a American Ware and Warranst Co., na rua da Saúde, esquina da rua do Livramento, no Rio de Janeiro, tendo sido terminados os trabalhos no meiado do anno. Essa construção apresenta varios pontos interessantes e não communs em armazens de café, entre nós. E assim que, sendo obrigatoria, por lei municipal, a altura de fachada nesse ponto da cidade, de mais de 11 metros, resolvemos e construimos a parte dos armazens com frente para as duas ruas com dois pavimentos, tendo o andar a profundidade de 10 metros livres, entre os paramentos internos das paredes. O restante do armazem foi construido com um só pavimento, como se faz geralmente. [...] A instalação das machinas de ensaque e

*recebimento de café assemelha-se á do armazem Roberto, desta cidade, pertencente á mesma Companhia construido por nós e que descrevemos no Relatorios de 1916. Para maior facilidade na monstagem e estudo das bicas transportadoras do café, de umas machinas para as outras, fizemos executar nas nossas officinas uma interessante e minuciosa miniatura; na escala de 1 para 50, da qual apresentamos photogravuras nos annexos, a qual dá perfeita idéia da importancia da installação."*¹¹⁵

Como o próprio relatório descreve o armazém não possui semelhanças estéticas com o armazém contruído em Santos, pois a legislação da cidade do Rio de Janeiro exigia uma fachada de altura de 11 metros enquanto a cidade santista exigia apenas 5,52 metros. No entanto, o Armazém Roberto é citado como referência para a construção do maquinário.

O Edifício do Rio de Janeiro encontrava-se no local até abril de 2017 abrigando um supermercado, conforme visita virtual ao local.

Figura 64 - Fachada do armazém no Rio de Janeiro. Fonte: Companhia Constructora de Santos. 1918.

Figura 65 - Fachada do Armazém em 2017. Fonte: Google Street View, abril de 2017

Figura 66 - Maquete do maquinário do armazém. Fonte: Companhia Constructora de Santos, 1918.

Figura 67 - Maquete do maquinário do armazém. Fonte: Companhia Constructora de Santos, 1918.

Na cidade de Santos, a construtora tornou-se especialista na construção de armazéns para estocagem de café:

¹¹⁵WITAKER, 1918, p.23, 24 e 25

"Principaes Obras do Anno de 1918

Armazens para café – *Da diminuição considerável da exportação de café pelo nosso porto, por causa de todos conhecida, resultou o accumulo de grande stock nesta cidade e a consequente falta de armazens para deposita-lo. A nossa companhia procurou ir em auxilio do commercio, aparelhando-se de fôrma a poder encarregar-se da construcção rapida de armazens. Lembramo-nos tambem para este fim, da adaptação de predios antigos e dos muitos que existem em nossa cidade fechados pela necessidade de reforma quase radicaes, para obedecerem aos modernos preceitos da hygiene, e escolhemos os que mais vantagens offereciam pelas suas dimensões e serviços que exigiam. Com o argumento de nossas intallações, do stock de materiaes mais necessarios e com a organização de turmas especializadas, e dispondo de grande numero de operarios, pudemos realizar verdadeiros prodigios de rapidez, tendo-se em vista principalmente as condições do nosso meio e da época que atravessavamos. Adoptámos, pela primeira vez, nas execuções desses serviços, e com pleno sucesso, os interessantes diagrammas de andamento de trabalho preceituados pela administração scientifica e nos quaes foram determiinadas, de antemão, as datas em que deveriam ser iniciados e terminados os differentes trabalhos de que se compunha a construcção.*"¹¹⁶

No mesmo ano, o relatório da companhia destacou alguns imóveis construídos para o fim de estocagem dos quais apenas um compõe o inventário deste trabalho, o armazém da Companhia Central (ficha 09 e ficha 10).

"Entre esses armazens destacaremos:

Armazem de nossa propriedade – *para deposito do café pertencente ao governo do Estado – construído em 70 dias, não obstante a sua grande extensão – em nossos terrenos da Rua Monsenhor Paula Rodrigues, entre a Rua Antonio Bento e Rua B. Devemos salientar que foi executado com todo o capricho e requisitos technicos necessarios, até mesmo com pavimento de asphalto sobre base de concreto, a despeito da diffículdade de obtenção e dos preços do cimento e asphalto;*

Armazens para a Companhia Central de Armazens Geraes – *Construidos nas ruas Xavier da Silveira e Constituição, respectivamente, em 70 e 90 dias;*

Armazens e Casa de machinas de café para a Compagnie des Magazins Généraux et Entrepôts Libres d'Anvers – *nas ruas São Francisco e 11 de Junho, compreendendo a construcção de uma parte de um só pavimento, em 90 dias, e doutra com 2 pavimentos, em 5 mezes, com escriptorio, casa de machinas com interessnante estrutura de 18 metros de altura, para montagem de machinismo de ensaque e rebeneficio de café;*

Armazém para o dr. V.p. Monteiro de Barros – *na rua de São Bento, em 90 dias. E muitos outros de menos importancia.*"¹¹⁷

Dos demais, dois já foram demolidos, o "Armazém de nossa propriedade" e o "Armazéns e casa de machinas de café para a Compagnie des Magazins Généraux et Entrepôts Libres d'Anvers". O "armazém para o dr. V.P. Monteiro de Barros", não foi identificado.

¹¹⁶ WITAKER, 1919, p.14-15.

¹¹⁷ WITAKER, 1919, p.14-15.

3.3. O maquinário de rebeneficiamento de café

Este subcapítulo tem por objetivo aprofundar o estudo das máquinas de rebeneficiamento encontradas no armazém Roberto.

Segundo matéria do jornal A Tribuna, as máquinas existentes no local à época da inauguração foram em parte importadas dos Estados Unidos da América e em parte, construídas nas oficinas da Companhia Constructora de Santos, responsável pela instalação do maquinário no edifício.

"(...)Grande parte das machinas como separadores, monitores, brunidores horizontaes, balança automaticas e machinas de costurar, foram encomendadas especialmente aos mais acreditados fabricantes dos Estados Unidos da America do Norte, tendo se encarregado da installação a Companhia Constructora de Santos, a qual tambem executou, nas suas oficinas, as outras machinas operadoras, como catadores, aspiradores, etc., e bem assim as machinas auxiliares, que automaticamente fazem a distribuição do café pelas machinas de rebeneficio e de liga, o depositam nas moegas e o fazem passar pela balanças, onde é pesado automaticamente, para ser ensaccado e, finalmente, costurado os saccos nas interessantes machinas de costurar.

Essas machinas estão collocadas de forma a ser feita a liga e o ensaque do café ligado separadamente do rebeneficio e ensaque do café rebeneficiado, podendo sahir das machinas de liga, por minutos, oito saccos com café, pesados e costurados automaticamente, e das do rebeneficio quatro saccos por minuto.

Todas as machinas são accionadas separadamente por motores electricos de accordo com o que hoje se faz nas usinas modernas, de onde foram abolidas as longas transmissões, com as suas grandes perdas de energia.

Da parte electrica, foi encarregada a Companhia City, que tambem fornece a energia para mais de 120 cavallos, e estão dispostas de forma a poderem ser augmentadas mais tarde todas as installações.

O assentamento e o acabamento das machinas foram feitos com o maior capricho e muito recommendam as officinas mechanicas da Companhia Constructora de Santos (...)"¹¹⁸

Das máquinas citadas buscou-se, através de bibliografia, compreender as suas funções no rebeneficiamento do grão. Os separadores e monitores possuem função semelhante, classificar o café de acordo com o seu formato e tamanho, enquanto os catadores tem por objetivo eliminar os grãos não comerciáveis¹¹⁹.

¹¹⁸ A Tribuna, p 05, 04 de janeiro de 1917.

¹¹⁹ "A separação do café por formato visa separá-lo, de acordo com a sua conformação, em dois grupos: chato e moca (encaracolado ou redondo). O café moca, originário do desenvolvimento anormal do fruto, é o resultante do desenvolvimento de um único óvulo numa semente, a qual então apresenta forma elipsoidal. O café chato é o produto do desenvolvimento normal do fruto, no qual, no ovário ínfero e bilicular formam-se duas sementes, que devido à disposição apresentam uma face plana e outra convexa. Procede-se então a separação desses dois tipos de café por tamanho separando o moca em tipos de diferentes espessuras e o chato em tipos de diferentes larguras. Esta classificação racional e importante, além de proporcionar um meio de avaliação da homogeneidade do conjunto das sementes quanto ao tamanho e à forma, facilita a sua torração. Podemos comprovar que a separação citada influi favoravelmente no andamento da torração, notando que, se o café empregado nesta operação não passou pela classificação,

“SEPARADORES — A classificação do café no Brasil teve início em Classificadores-Separadores. O órgão classificador das máquinas primitivas era constituído por um longo tubo de cobre (de uns seis metros mais ou menos), de grande diâmetro, punçado, no qual se sucediam diferentes séries de furos constituintes das diversas peneiras conjugadas. Disposto com suave declive numa armação de peroba este tubo podia girar com pequena velocidade. Com o desenvolvimento apresentado pela cafeicultura e ante o volume crescente de sua produção, esse Classificador veio experimentando modificações até originar o tipo atual.

MONITORES — Os classificadores de peneiras planas, embora seja de aplicação mais recente (foram introduzidos pelas máquinas norte-americanas então importadas), e agora predominam entre os classificadores das máquinas nacionais. Constam de um ou mais conjuntos de peneiras planas, animadas de movimento retilíneo alternativo.

CATADORES — A catação tem por objetivo eliminar por ventilação o café chocho, quebrado, etc, (escolha e repasse), a fim de se obter um produto bom, ou evitar o trânsito desse café pelo classificador, o que aumenta o rendimento da peça. Consta pois de uma coluna de vento, onde por diferença de densidade separaram-se os produtos.”¹²⁰

Os brunidores tinham como função polir o grão a partir do atrito entre eles.

“(…) o brunimento era obtido fazendo-se girar, durante várias horas, num cilindro horizontal (...) o atrito recíproco entre os grãos provocava o brunimento”¹²¹

Nas balanças automáticas havia um compartimento onde eram depositados os grãos após a separação. Ao somar os 60kg correspondentes a cada saca, abria-se o compartimento em sua face inferior depositando automaticamente o café direto nos sacos, que em seguida eram fechados nas máquinas de costura.

Figura 68 - Vista do segundo pavimento, onde estavam localizados os separadores, catadores e brunidores. Fonte: Relatório Companhia Construtora, 1917

resulta ficarem as sementes pequenas, carbonizadas; as médias, torradas, e as grandes, apenas tostadas.” LEME, 1952, p. 22.

¹²⁰ LEME, 1952, p.24.

¹²¹ AGOLLO, 2004, p.96.

Figura 69 - Ainda no segundo pavimento são vistos os catadores e os dutos de madeira que fazem a distribuição do café. Fonte: Relatório Companhia Construtora, 1917

Figura 70 - No térreo são vistas as moegas que fazem a distribuição do café beneficiado através de dutos de madeira até as balanças automáticas. As balanças despejam o café em sacos de 60kg que estão apoiados em uma esteira que segue até as máquinas de costura. Fonte: Relatório Companhia Construtora, 1917

No ano de 2012¹²², em visita ao interior do imóvel, encontrou-se um espaço muito desorganizado, as interferências não permitiram a visualização completa do maquinário instalado. Apesar de estar localizado no mesmo lugar do maquinário retratado no relatório da Companhia Constructora é possível verificar que não se tratam das mesmas máquinas. Provavelmente a área de rebeneficiamento sofreu uma modernização e as máquinas originais foram substituídas. Ainda assim, as máquinas encontradas eram de acabamento primoroso em madeira, mas perderam sua função com a mudança de uso do armazém. Assim, não foi possível vê-las em funcionamento, mas foram registradas em levantamento fotográfico.

Figura 71 - Os materiais estocados no armazém atrapalhavam a visão do trecho térreo da estrutura do maquinário. Foto: Autora, 2012.

Figura 72 - Esta foto foi tirada no mesmo ângulo da foto que está no relatório da companhia e é possível verificar que os catadores não estão mais nesse pavimento. Aumentou-se o número de máquinas e estas foram transferidas para o mezanino. Foto: Autora, 2012.

¹²² O Armazém Roberto foi objeto de estudo do trabalho de conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da autora, no ano de 2012.

Figura 73 - Nesta imagem é possível ver a escada de acesso ao mezanino (onde em 2012 estavam localizadas as máquinas) e atrás aparecem as estruturas de madeira que guardavam os grãos de café. Foto: Autora, 2012.

Figura 74 - No mezanino, onde estavam localizadas as máquinas, a estrutura do maquinário mescla-se com a estrutura do telhado e atrás aparecem os catadores. Foto: Autora, 2012.

Figura 75 - Ainda no mezanino, os catadores e dutos de madeira que conduziam o café. Foto: Autora, 2012.

A seguir é apresentado o esquema de organização hipotético do maquinário do Armazém Roberto, elaborado pela autora a partir da memória da visita realizada em 2012, com auxílio dos levantamentos fotográficos realizados.

Figura 76 - Esquema de organização hipotético do maquinário na área central do Armazém Roberto. Elaborado pela autora.

Após diversas tentativas, no ano de 2017 foi realizada nova visita que constatou o desmonte do maquinário. Novamente recorreu-se a levantamento fotográfico para registrar o estado atual das máquinas, que se encontram guardadas dentro do próprio armazém a espera de um novo destino ainda não definido.

Figura 77 - As máquinas encontram-se abrigadas no próprio armazém a espera de um novo destino. Foto: Autora, 2017.

Figura 78 - Detalhe de máquina. Foto: Autora, 2017.

Figura 79 - Detalhe de máquina. Foto: Autora, 2017.

Figura 80 - Nesta foto é possível ter uma noção das grandes dimensões dessas máquinas. Foto: Autora, 2017.

Figura 81 - No detalhe o ponto onde os dutos eram ligados à máquina para conduzir o café já separado. Foto: Autora, 2017.

Figura 82 - Estruturas auxiliares: os dutos de madeira. Foto: Autora, 2017.

Figura 83 - Estruturas auxiliares: uma espécie de funil de madeira que distribuía o café nas máquinas. Foto: Autora, 2017.

Figura 84 - Estruturas auxiliares: roldanas/polias metálicas. Foto: Autora, 2017.

Figura 85 - Estruturas auxiliares: Cestos metálicos que conduziam o café até as máquinas para ser rebeneficiado. Foto: Autora, 2017.

Figura 86 - Esteiras. Foto: Autora, 2017.

Figura 87 - Balanças automáticas. Foto: Autora, 2017.

Figura 88 - Máquinas de costura. Foto: Autora, 2017.

As máquinas e as estruturas auxiliares que compunham o sistema de rebeneficiamento de café do Armazém Roberto são testemunho material mecânico e tecnológico desse processo a sua época. Na tentativa de compreender a sua organização e o seu funcionamento, realizou-se pesquisa bibliográfica. A seguir é apresentado a ilustração de esquema de um local de beneficiamento em fazenda, encontrado na publicação do ARGOLLO.¹²³

Figura 89 – Planta da casa de máquinas de rebeneficiamento. Fonte: A. Lalière, 1909 in ARGOLLO.

O processo de beneficiamento do café na fazenda, apesar de diferente do processo realizado na cidade de Santos, possui semelhança nas últimas etapas, separadores e catadores. A ilustração apresenta essas máquinas em corte e auxilia no seu entendimento. No exemplo apresentado há também estruturas auxiliares, cestos metálicos e dutos de madeira, responsáveis pela distribuição automática dos grãos entre as máquinas, como ocorria no Armazém Roberto.

¹²³ ARGOLLO, 2004, pg. 112-113.

Figura 90 – Corte do separador, catador e estruturas auxiliares. Fonte: A. Lalière, 1909 in ARGOLLO.

Considerações Finais

O envolvimento com os Armazéns de Café extrapola os dois anos desta pesquisa. O produto final aqui apresentado é o desdobramento que coroa um período muito maior de relação com o tema que teve início desde a graduação.

A presente dissertação possibilitou aprofundar, organizar e apresentar o material recolhido durante esse tempo. Oportunidade esta que se tornou uma experiência gratificante e única.

O tema da presente dissertação trazia uma série de questões acumuladas a serem respondidas. Acreditava-se na existência de uma tipologia própria para a estocagem de café, bem como em uma evolução cronológica e espacial de suas implantações.

Conforme apresentado ao longo deste trabalho, o desenvolvimento da pesquisa confirmou essas hipóteses. No tocante à evolução cronológica e espacial verificou-se que as primeiras construções estavam localizadas no bairro do Valongo, próximo à estação ferroviária e caracterizavam-se por uma arquitetura simples, um espaço de estocagem de pequenas dimensões e maquinário de rebeneficiamento móvel. Com a evolução da técnica construtiva de pedra e cal para a alvenaria de tijolo, a tipologia ganhou nova feição estética, por meio de acréscimo da platibanda como coroamento da fachada e da drenagem das águas pluviais, e da adoção de ornamentos. Ao mesmo tempo essas implantações foram migrando no sentido do bairro Centro.

As grandes mudanças surgem com a criação das companhias de Armazéns Gerais, que tiveram predominância de implantação já no bairro do Paquetá. Eram armazéns caracterizados pela feição industrial que utilizava o tijolo aparente nas fachadas. Com espaço de estocagem de grande dimensão, aumentavam sua capacidade de armazenamento e acompanhavam o avanço da tecnologia do processo de rebeneficiamento e seu maquinário, que naquele momento passava a ser integrados à estrutura do edifício.

Dessa forma confirmou-se a existência de um modelo tipológico específico para atender o programa de armazém de café, que como a pesquisa comprovou, ia muito além da guarda das sacas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa novas descobertas foram feitas tornando o percurso mais instigante. Pode-se verificar o envolvimento de grandes construtoras da época, indicativo da importância da tipologia para o sistema cafeeiro e para a arquitetura e engenharia, como técnica construtiva e como evolução tecnológica do maquinário. Chegando ao Armazém Roberto, estudo de caso deste trabalho, representativo da evolução desta tipologia e que serviu de exemplo para a construção de outro edifício de mesmo uso na cidade do Rio de Janeiro.

No desenvolvimento das pesquisas de fontes primárias alguns percalços foram enfrentados. Entre eles destacam-se as dificuldades encontradas no acesso aos arquivos municipais resultante do fato de que o início da pesquisa deve ocorrer na Secretaria Municipal de Infraestrutura e Edificações, setor que aprova e fiscaliza todos os projetos e obras em andamento na cidade, onde estão localizadas as fichas de processo. Essas fichas organizam todos os processos referentes a cada imóvel pelo seu endereço e então a partir desses números de processos é possível localizá-los nos arquivos municipais que estão sob a guarda da Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Infelizmente o setor responsável por essas fichas não está preparado para receber pesquisadores. Ele é utilizado pelos profissionais de arquitetura e engenharia em seu dia a dia para o acompanhamento de processos em andamento. Ou seja, esse trabalho de pesquisa de diversas fichas não é a prioridade do setor. Além disso, esse cadastro não abrange todos processos mais antigos que é o caso de boa parte dos imóveis inventariados.

Já na Fundação Arquivo e Memória de Santos, durante o processo de pesquisa notou-se a redução do quadro de funcionários, dificultando em alguns momentos o acesso aos documentos. No entanto, mesmo com toda a dificuldade que derivou alguns atrasos no cronograma, a colaboração dos técnicos do setor

possibilitou localizar os projetos referentes ao estudo de caso que foi de grande relevância para o presente trabalho.

Diante dos obstáculos encontrados nos arquivos, o levantamento de campo tornou-se essencial para a construção do inventário dos imóveis remanescentes. No campo foi possível registrar os imóveis através de croquis, atualizar o levantamento métrico e realizar levantamento fotográfico. Com esse material coletado tornou-se possível a descrição das técnicas construtivas adotadas para cada edifício em particular, bem como seu estado de conservação.

A bibliografia viabilizou a vinculação dos armazéns com os intermediários do café, principalmente a publicação São Paulo Moderno. No entanto por ser, contemporânea ao período estudado e tratar-se de um editorial de divulgação, trazia uma visão tendenciosa. Assim, os trabalhos de outros pesquisadores possibilitaram uma leitura crítica e o aprofundamento da pesquisa do inventário.

Parte da pesquisa bibliográfica buscou, sem sucesso, tratado de arquitetura que definisse diretrizes para a construção dessa tipologia e auxiliasse na leitura dos edifícios inventariados, porém essas definições foram encontradas na própria legislação municipal, que se revelou norteadora das características arquitetônicas e urbanísticas.

Enfim, o inventário reconhece e registra as características da tipologia, sistematiza as informações encontradas e permite a transmissão desse conhecimento como fomento para novas pesquisas. O estudo de caso permitiu um aprofundamento pontual no Armazém Roberto, mas o mesmo pode ser feito com todos os edifícios inventariados, o que abre um imenso campo de possibilidades.

Mesmo com o desmonte do maquinário do estudo de caso, a bibliografia e as visitas à Fazenda Tozan e ao Museu do Café possibilitaram a oportunidade de entender o processo produtivo e o maquinário utilizado no processo de rebeneficiamento do café.

É importante ressaltar que os maquinários para o rebeneficiamento do café, guardam a memória do fazer, da metodologia de separação e pesagem do café para

então serem ensacados para a exportação. O saber fazer traz em si intrinsecamente o valor imaterial e é o ponto mais frágil dessa memória, correndo risco constante de desaparecer.

O olhar chegou tarde, não a tempo de salvar o maquinário ainda instalado, mas a tempo de registrar, mesmo que externamente esses edifícios, e perceber a falta de reconhecimento desses armazéns como conjunto urbano. Além de preservar o bem material é essencial contar a história desse período áureo, o trabalho então adquire um importante papel no registro dessa história.

A realização de pesquisas por arquitetos e urbanistas normalmente resulta em melhoria na qualidade da atividade profissional, pois demanda uma reflexão sobre a produção arquitetônica e sua inserção nas cidades. Mas, quando a obra arquitetônica em estudo ultrapassa o limite da produção e agrega o atributo de bem cultural, passa a fazer parte do universo da memória social. Dentro dessa condição a pesquisa ganha uma nova dimensão, tornando-se mais complexa, pois deverá abranger não somente os aspectos projetuais, mas também o contexto histórico em que essa arquitetura foi produzida e do presente que a recebe para nova utilização.¹²⁴

¹²⁴ Sampaio, 2017, p.09.

Referências Bibliográficas

ÁLVARO, Guilherme. *A campanha sanitária de Santos – suas causas e efeitos*. Casa Duprat, 1919.

ANDRADE, Wilma T. F. de. *A evolução urbana de Santos: 1870 O 1930*. Tese de Doutorado FFLCH/ USP. São Paulo, 1975.

ARANTES, Antônio Augusto. *Documentos históricos, documentos de cultura*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº22, Brasília, 1987.

ARGOLLO, André. *Arquitetura do Café*. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

BARBOSA, Gino Caldato; BARBOSA, Ney Caldato; ALVES, Jaqueline Fernandez. *O palácio do café*. São Paulo: Magma Cultural, 2004.

BARBOSA, Gino Caldato. *Marc Ferrez: Santos panorâmico*. São Paulo: Magma Cultural, 2007.

BARBOSA, Gino Caldato; MEDEIROS, Marjorie de Carvalho F. de. *Militão Augusto de Azevedo – São Paulo Railway*. São Paulo: Magma Cultural, 2010.

BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004.

BRASIL. *Decreto nº 1.102 de 21 de novembro de 1903*. Institui regras para o estabelecimento de empresas de armazéns gerais.

BRITO, F. Saturnino R. de. *A planta de Santos – Obras Completas de Saturnino de Brito*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, 1944.

CARMO, Bruno Bortoloto do; AGUIAR, Fernando Rocha. *Expansão urbana, café e imigração: a Companhia Construtora de Santos e a organização operária (1914-1930)*. Anais eletrônicos do XXII Encontro Estadual de História da ANPUH-SP. Santos, 2014.

CARVALHO, Alberto Monteiro de. *O engenheiro e seu tempo*. Claudia Pinheiro – organizadora. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Dois/ Um Produções, 2012.

CASTILHO, Ana Luísa Howard de. *Itatinga - A hidroelétrica e seu legado*. 1ª Edição São Paulo: Editora Neotropical, 2010.

CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora da UNESP, 2001.

CLOQUET, Louis. *Cloquet, Traité d'architecture*. 2. éd. Paris, Ch. Béranger Liège, 1900.

CODESP. *O porto de Santos e sua história*. São Paulo, 1986.

Companhia Constructora de Santos na exposição comemorativa do 1º. Centenário da outorga de foros. Acervo do Museu Paulista da USP.

- CONDEPASA. *Lista de bens tombados e a tombar*. Santos, 1991.
- CORNEJO, Carlos; GERODETTI, João Emilio. *Lembranças de São Paulo*. Solaris: São Paulo, 2001.
- CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. *Dicionário da arquitetura brasileira*. 1ª ed. São Paulo: EDUSP, 1972.
- D'ALAMBERT, Clara Correa. *O Tijolo nas construções paulistanas do século XIX*. Dissertação de mestrado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP. São Paulo, 1993.
- DELANEY, L T; EULALIO, Joaquim; FELDWICK, Walter; WRIGHT, Arnold. *Impressões do Brasil no século XX: sua história, seu povo, comércio, indústria e recursos*. Londres: Lloyd's Greater Britain Publishing, 1913.
- DIAS, Nelson Santos (coord.). *Memória da arquitetura de Santos no papel*, I. 1ª ed. Santos, SP: Fundação Arquivo e Memória de Santos, 1997.
- _____. *Memória da arquitetura de Santos no papel*, II. 1ª ed. Santos, SP: Fundação Arquivo e Memória de Santos, 2010.
- _____. *50 anos de posturas em Santos – códigos de 1847 a 1897*. Santos: Fundação Arquivo e Memória de Santos, 2010.
- FARIA, Indira Ferreira. *O espaço como obra: Reinterpretação e preservação da arquitetura eclética no caso do Palácio do Café de Santos-SP*. Dissertação de mestrado Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas UNIFESP. Guarulhos, 2017.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo – trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2ªed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, IPHAN, 2005.
- FRANCISCO, Rita de Cássia. *As oficinas da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro: Arquitetura de um complexo produtivo*. Dissertação de mestrado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP. São Paulo, 2007.
- LEAL, Claudia Feierabend Baeta (org.). *As missões da Unesco no Brasil*: Michel Parent. Rio de Janeiro: IPHAN, 2008.
- MARINS, Paulo César Garcez. *Do Luz Cultural ao Monumenta: sobre a opção pela escala monumental na preservação de uma área de São Paulo* In: GAGLIARDI, Clarissa Rosa et al. (coord.). *Intervenções Urbanas em Centros Históricos: casos da Itália e São Paulo em discussão*. São Paulo: Educ/PUCSP, 2011.
- GIOVANNONI, Gustavo. *Textos Escolhidos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.
- GITAHY, Maria Lucia Caira. *Ventos do mar, trabalhadores do porto, movimento operário e cultura urbana em Santos, 1889-1914*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1992.

KÜHL, Beatriz Mugayar. *Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação*. São Paulo: Ateliê Editorial: Fapesp: Secretaria da Cultura, 1998.

_____. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização*. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma cidade na transição – Santos 1870 – 1913*. São Paulo: Hucitec, 1996;

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Cartas Patrimoniais*. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/226>. Acessado em 08/02/2018.

LEME, Hugo de Almeida. *A evolução das máquinas de beneficiar café no Brasil*. 1952. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aesalq/v10/01.pdf>. Acessado em 17/11/2017, às 14:35.

LEMOS, Carlos. *Alvenaria Burguesa*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *O que é patrimônio Histórico*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARTINS, Ana Luiza. *História do Café*. 1ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Santos, o porto do café: cidade, cotidiano e trabalho*. Artigo in Estudos Ibero-Americanos n. 2, p. 9-26. PUCRS, 2004.

PARENT, Michel. *Extratos de As missões da Unesco no Brasil*. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 1998.

PAUL, Clotilde. *Porto de Santos – 120 Anos de História*. São Paulo: Editora Brasileira de Arte e Cultura, 2012.

PEDRO, Carina Marcondes Ferreira. *Casas importadoras de Santos e seus agentes*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2015.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *O Comissário de café no porto de Santos*. Dissertação de Mestrado FFLCH USP. São Paulo, 1980.

_____. *Santos, café e história*. Santos: Leopoldianum, 1995.

Prefeitura Municipal de Santos. *Cartilha do Patrimônio Cultural*. Santos, 2010.

REIS Filho, Nestor Goulart. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

Revista AB Arquitetura do Brasil – Patrimônio 1, número 19. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Serrana Ltda., 1992.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. *Preservação e Restauro Urbano*. São Paulo: Fap-Unifep Edusp 2013.

SAMPAIO, Edson Luís da Costa. *Santos, das ruínas às restaurações: 4 estudos*. Dissertação de mestrado FAU USP. São Paulo, 2017.

SAMPAIO, Paula Tedesco. *Armazém Roberto – Uma Proposta de Reabilitação*. Trabalho Final de Graduação – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica de Santos, Santos. 2012.

_____. *Armazéns do Café*. Trabalho Final de Especialização – Curso de Especialização em Restauro do Patrimônio Arquitetônico e Urbanístico, Universidade Católica de Santos, Santos: 2014.

SANTOS. *Lei municipal 3.531, de 16 de abril de 1968*. Institui o Código de Posturas do Município de Santos.

São Paulo Moderno. São Paulo: Empresa Editora, 1919.

SIMONSEN, Roberto. *Relatórios de 1921 e 1922 apresentados a Assembléa Geral dos Accionistas da Companhia Constructora*. Acervo Museu Paulista USP, 1923.

SOUKEF Junior, Antonio. *A preservação dos conjuntos ferroviários de São Paulo Railway em Santos Jundiaí*. Relatório de Pós-Doutorado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo USP. São Paulo, 2010.

SUMMERSON, John. *A linguagem clássica da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TEXEIRA, Cassia Neves. *Centro de produção de vestiário*. Trabalho Final de Graduação – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Católica de Santos, Santos. 2007.

WHITAKER Junior, Frederico Ernesto de Aguiar. *Relatório de 1915 apresentado pela Directoria á Assembléa Geral de março de 1916*. Acervo Museu Paulista USP.

_____. *Relatório de 1916 apresentado pela Directoria á Assembléa Geral de março de 1917*. Acervo Museu Paulista USP.

_____. *Relatório de 1917 apresentado pela Directoria á Assembléa Geral de março de 1918*. Acervo Museu Paulista USP.

_____. *Relatório de 1918 apresentado pela Directoria á Assembléa Geral de março de 1919*. Acervo Museu Paulista USP.